

**HOMENS CATÓLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS: DESREGULAÇÃO  
RELIGIOSA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

**ALEXANDRA RIBEIRO LEITE**

**HOMENS CATÓLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS: Desregulação  
Religiosa e Produção de Sentidos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento

**RECIFE**

**2016**

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

L533h Leite, Alexandra Ribeiro.  
Homens católicos com práticas homossexuais : desregulação religiosa e produção de sentidos / Alexandra Ribeiro Leite. – 2016.  
89 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2016.  
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia. 2. Orientação sexual. 3. Igreja Católica. 4. Homens – Comportamento sexual. 5. Homossexuais católicos. 6. Narrativas. I. Nascimento, Luís Felipe Rios do (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-27)

**ALEXANDRA RIBEIRO LEITE**

**HOMENS CATÓLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS: Desregulação  
Religiosa e Produção de Sentidos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 24/02/2016

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Luís Felipe Rios do Nascimento

(Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Karla Galvão Adrião

(Examinadora interna)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

(Examinadora Externa)

Universidade Católica de Pernambuco

*Dedico este trabalho ao meu esposo, a minha filha, a meus pais e as minhas irmãs*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Agradeço também ao meu esposo, Rogério, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldade.

Quero agradecer também a minha filha, Maria Clara que iluminou de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

Aos meus pais pelo incentivo em todos os momentos de minha vida e às minhas irmãs pelo carinho e incentivo sempre demonstrados.

Agradeço também ao meu orientador, Luís Felipe Rios, pela parceria; pelo conhecimento transmitido, pela paciência com meu tempo de escrita; e por ter sempre me incentivando, me apoiado e me inspirando com suas tão preciosas observações.

Agradeço a todos os professores do programa, que de forma direta ou indireta me ajudaram na realização deste trabalho. Especialmente à Karla, Jorge e Renata Lira pelos conhecimentos compartilhados em sala de aula.

Aos meus amigos, Dobson, Jessé, Patrícia e Jéssica que tiveram uma participação muito importante no desenvolvimento desta pesquisa.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e/ou estão próximos a mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os sentidos produzidos por homens Católicos com práticas homossexuais, de diferentes posições de gênero e em diferentes fases da vida (juventude, adultez e velhice) para lidar com as estigmatizações legitimadas pelo dispositivo religioso. Para atingirmos nosso objetivo, nos orientamos por três grandes metas: descrição densa da trajetória religiosa do sujeito; Construção de biografias de pessoas com práticas homossexuais (Trajetória Sexual); e Análise da interlocução entre as duas dimensões (Sexual/Religiosa). Para realizar as metas, utilizamos dois tipos de entrevistas: a entrevista temática e a entrevista com enfoque biográfico. Como instrumento de análise dos dados, utilizamos da Análise temática e do Método da Dupla Hermenêutica. Assim, fundamentados pelo estudo das Narrativas, enquanto instrumento de acesso à ligação entre o universo cultural e as idiosincrasias do sujeito, buscamos compreender que sentidos são produzidos por homossexuais Católicos para permanecerem na religião apesar de seus dogmas. Nesta perspectiva, o estudo aponta que os sujeitos realizam negociações de modo a compatibilizar suas vivências sexuais, consideradas dissidentes; com o exercício da religiosidade. Estas negociações permitem desregulações religiosas, que possibilitam aos sujeitos redescreverem sua posição no mundo, num constante processo de dar sentido a suas experiências. Neste sentido, os sujeitos encontraram estratégias para manejar seus conflitos, sendo uma delas, a vivência de sua sexualidade dentro de uma relação de conjugalidade.

### **Palavras-chave:**

Homossexualidade. Igreja Católica. Desregulação religiosa. Produção de sentidos. Narrativas.

## ABSTRACT

This study aims to understand the meanings produced by Catholic men with homosexual practices, different gender positions and at different stages of life (youth, adulthood and old age) to deal with the stigmatization legitimated by religious device. To achieve our goal, we guide the three major goals: dense description of the religious history of the subject; Construction of biographies of people with homosexual practices (Sexual Trajectory); and analysis of dialogue between the two dimensions (Sexual / Religious). To achieve the goals, we use two types of interviews: the theme interview and the interview with biographical approach. As the data analysis tool, we used thematic analysis and the Double Hermeneutics method. Thus, based the study of Narratives, while connection to access instrument between the cultural universe and the idiosyncrasies of the subject, we try to understand that meaning is produced by gay Catholics to remain in religion despite their dogmas. In this perspective, the study shows that subjects hold negotiations to reconcile their sexual experiences, considered dissidents; with the exercise of religion. These negotiations allow religious deregulations, which enable subject redescrining its position in the world, in a constant process of making sense of their experiences. In this sense, the subjects found strategies to manage their conflicts, one of them, the experience of their sexuality in a conjugal relationship.

**Keywords:** Homosexuality. Catholic Church. Religious Deregulation. Production of meaning. Narratives.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa

Tabela 2- Distribuição percentual da população residente por Religião -Brasil- 2000/2010

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 Da motivação inicial.....	11
2 Do problema.....	12
3 Sobre o processo de pesquisa: questões metodológicas.....	14
3.1 A abordagem qualitativa, a Psicologia Cultural e as Narrativas.....	14
3.2 Do processo de coleta de dados.....	16
3.3 Sobre os sujeitos da pesquisa.....	17
4 Das partes.....	18
CAPÍTULO 1: RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE.....	20
1.1 O campo religioso brasileiro.....	20
1.2 O Cristianismo e a sexualidade: um breve histórico.....	22
1.3 As igrejas inclusivas.....	27
1.4 Desregulação religiosa e produção de sentidos.....	28
MINIBIOGRAFIAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	30
CAPÍTULO 2: HOMENS CATÓLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS: TRAJETÓRIAS SEXUAIS .....	35
2.1 As vicissitudes do desejo homossexual: primeiros passos.....	35
2.2 Assumir-se: a problemática do armário.....	41
2.3 Situações de estigmas vivenciadas pelos sujeitos.....	45
2.4 Conjugalidade e regulação da sexualidade.....	48
2.5 O drama da homossexualidade.....	52
CAPÍTULO 3: O SUJEITO SEXUAL RELIGIOSO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS	
3.1 Inserção na comunidade Católica.....	55
3.2 Da atuação na comunidade Católica.....	57
3.3 O conhecimento sobre os dogmas cristãos.....	60

3.4 Situações de estigma dentro da igreja Católica.....	64
3.5 Interloquções entre a experiência religiosa e a prática homossexual.....	67
3.6 Desregulação religiosa e produção de sentidos.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS .....	78
ANEXOS.....	84

## **INTRODUÇÃO**

### **1 Da motivação pessoal**

A escolha por esta temática advém de questionamentos elaborados a partir de vivências enquanto estagiária de uma Clínica psicológica e de minha experiência como professora de uma Escola Técnica. Enquanto estagiária da Clínica Psicológica, percebi que a religião ocupava um lugar especial no discurso dos clientes que acompanhava, regulando suas escolhas e condutas. Nesta ocasião, percebi que ora a religião e seus dogmas traziam alívio e conforto, ora propiciavam culpa e sofrimento; sendo estes últimos associados, na maioria das vezes, às vivências sexuais. Por outro lado, na minha experiência como professora de um curso técnico, alguns alunos, homossexuais “assumidos”, me falavam que sentiam muita vontade de frequentar uma igreja/congregação ou de continuar na sua antiga igreja/congregação, mas que sofriam preconceitos de seus membros e líderes.

Diante disso, comecei a me interessar sobre a interface religião/sexualidade, não só pela aparente influência que a primeira exerce na regulação da segunda, mas também no possível impacto que esta regulação pode exercer na vivência de uma sexualidade marginalizada pela sociedade.

### **2 Do Problema**

Diante da motivação inicial descrita, questionamos que processos estão envolvidos na subjetivação<sup>1</sup> de homens católicos com práticas homossexuais, uma vez que sua religião estigmatiza as homossexualidades?

Silva, Paiva e Parker (2013), apontam para o peso dos discursos religiosos na socialização de jovens e adolescentes e questionam quais seriam os efeitos do que eles chamam “subjetivismo religioso” na socialização sexual dos jovens (p. 684). Estes autores ainda destacam que, sendo as religiões instituições que promovem discursos para a socialização, elas determinam que condutas devem ser adotadas; orientam a organização das sociedades e a vida cotidiana; bem como, constituem redes de relações sociais.

---

<sup>1</sup> Subjetivação é entendida como um processo inacabado, produzida na interação social, na qual, os indivíduos se apropriam dos significados compartilhados e dão sentidos a si mesmos e ao mundo (HALL, 2011)

Nesta perspectiva, o pertencimento religioso assume relevância na socialização dos indivíduos, assumindo a função de conduzir as condutas e punir os comportamentos que se desviam da norma. Sendo assim, a homossexualidade, na visão dos discursos religiosos cristãos tradicionais, é considerada um desvio, sendo relacionada com um “mal/ ou o diabo” (MACHADO, 1998, p.277 ). Deste modo, uma vez que os discursos religiosos são utilizados para legitimar e regular as condutas, estes reforçam e muitas vezes justificam a homofobia (VENTURI, 2008).

Entre as religiões cristãs, o catolicismo é ainda a tradição que reúne o maior número de fiéis no país (CAMURÇA, 2006; MARIZ, 2006). Parker (1991) a considera uma das tradições religiosas que mais contribuem para a constituição de sentidos e práticas sexuais no Brasil. Desta forma, esta pesquisa será realizada sob a perspectiva dos católicos.

Conforme Rios et al (2010), a visão dos fiéis católicos sobre a homossexualidade está marcada pelo preconceito, resultando muitas vezes, no afastamento dos homossexuais das igrejas e dos serviços religiosos. Por outro lado, Duarte (2005), aponta que a adesão religiosa não ocorre necessariamente a partir da obediência total aos dogmas e doutrinas. Para este autor, é no *Ethos* privado, articulado a um *Ethos* religioso, onde ocorre negociações dos sujeitos entre o novo e o tradicional; permitindo ajustes entre as crenças religiosas, o *Ethos* privado e as escolhas individuais.

A respeito destas negociações, estudos têm indicado que os brasileiros apresentam considerável liberdade em barganhar com a regulação religiosa dogmática e em tomar decisões baseadas em convicções orientadas por estas (MARTINS, 2009; DUARTE, 2006, 2005).

Neste sentido, verificou-se que a literatura sócioantropológica tem explicado a desregulação religiosa (pessoas não seguem completamente as crenças) a partir do conceito de barganha cognitiva (negociação entre crenças religiosas e laicas). No entanto, não aprofundam os processos psicossociais - produção de sentidos.

Desta forma, buscamos dar uma densidade psicossocial para o conceito de “Barganha cognitiva” (BERGER; LUCKMAN, 1995), constantemente utilizado pela literatura sociológica para explicar o multipertencimento religioso, e/ou as desregulações das doutrinas propaladas pela religião professada..

Do ponto de vista teórico metodológico, para acessar a subjetividade dos sujeitos (homens católicos com práticas homossexuais), realizamos a análise de suas narrativas.

Estas conforme Bruner (1990, p. 6), são constituídas nas ocasiões em que o indivíduo diante de algo que desafia o canônico, precisa “refletir, re-significar e restituir uma ordem significativa”, sendo “um dos principais recursos de construção do eu”.

Assim, através das narrativas pode-se ter acesso “à ligação entre o universo cultural e as idiossincrasias do sujeito” (p. 6).

### **3. Sobre o processo de pesquisa: questões metodológicas**

O objeto da pesquisa que originou esta dissertação são os sentidos que permitem a permanência de homens com práticas homossexuais no catolicismo, formulado a partir do seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos produzidos por homens católicos com práticas homossexuais para permanecer na religião, quando esta estigmatiza as homossexualidades (pecado da carne)?

Nessa linha, o objetivo geral estabelecido para esta pesquisa foi compreender os sentidos produzidos por homens católicos com práticas homossexuais, de diferentes posições de gênero e em diferentes fases da vida (juventude, adultez e velhice) para lidar com as estigmatizações legitimadas pelo dispositivo religioso.

Já os objetivos específicos consistiram em: 1. Identificar na doutrina, as bases que orientam o preconceito às homossexualidades no catolicismo; 2. Investigar os nexos que eles estabelecem entre a experiência religiosa e os processos de estigmatização às homossexualidades; 3. Discernir o lugar das marcações de idade, gênero, raça-cor e classe nas vivências das homossexualidades de forma ampla e na experienciação de preconceitos por orientação sexual dentro da igreja católica; e 4. Analisar os sentidos atribuídos por eles sobre as experiências de desejar e/ou ter práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Estes objetivos se articularam em três grandes metas, que orientaram as etapas do trabalho, são elas: 1. Realização de descrição densa da trajetória religiosa do sujeito; 2. Construção de biografias de pessoas com práticas homossexuais (Trajetória Sexual); e Análise da interlocução entre as duas dimensões (Sexual/Religiosa).

#### **3.1 A abordagem Qualitativa, a Psicologia Cultural e as Narrativas**

Objetivando compreender as estratégias adotadas por homens católicos com práticas homossexuais para lidar com as estigmatizações legitimadas pelo dispositivo religioso, a pesquisa esteve pautada numa perspectiva qualitativa, pois esta possibilita o acesso do pesquisador aos significados, motivos, aspirações, crenças e valores do sujeito em um espaço mais profundo de relações (MINAYO, 2000).

Nesta perspectiva, foi utilizada como referencial teórico, a Psicologia Cultural. A escolha por este referencial ocorreu por esta possibilitar a compreensão da realidade humana, através da avaliação dos considerados desvios às normas estabelecidas pela cultura (AUGRAS, 1995).

Sobre a Psicologia Cultural, Bruner (1990) assinala que esta se relaciona a uma complexa questão, o qual denomina de questão de si mesmo (*self*). Esta, segundo o autor, por ser considerada excessivamente subjetiva, é posta de lado.

Nesta perspectiva, o referido autor analisa que existiram:

Várias indagações a respeito do *self*: o que envolveria a sua constituição – se família e posses; se a transação com o Outro generalizado, através do diálogo; se seria conceitual; real ou ideal ou ainda se seria uma forma de estruturar nossa consciência e nossa identidade (p. 101).

A Psicologia Cultural deve ter como foco não só os significados, mas os usos desses na prática, os “atos de significados”. Desta forma, esta psicologia está interessada “nas formas através das quais os seres humanos produzem significados nos contextos culturais onde estão inseridos” (CORREIA, 2003).

Para Bruner (1990), a narrativa se configura como uma fonte valiosa para o estudo da mente. CORREIA (2003) complementa dizendo que a narrativa é “a moeda comum entre nosso self e o mundo social; o que indica, certamente, uma mesma origem”. Esta “lida com o material da ação e da intencionalidade humanas; ela tem relação com o significado dado às coisas pelo seu autor e envolve a negociação de significados entre os seres humanos” (p. 510).

Neste sentido, tanto o que os indivíduos falam, quanto suas histórias, possibilitam acesso às formas como estes lidam com questões que desafiam o canônico. Ou seja, as narrativas permitem a compreensão dos processos de construção do eu, sendo estas constituídas diante de acontecimentos que desafiam as normas de condutas, levando os sujeitos a refletir, re-significar e re-organizar tais acontecimento numa ordem significativa (BRUNER,1990).

Desta forma, através das narrativas se tem acesso à ligação entre o universo cultural e as idiosincrasias do sujeito, pois “falando de si mesmo o indivíduo reconstrói o que aconteceu a partir do seu prisma pessoal e da experiência no mundo social” (RIOS, 2011, p. 6).

Assim, as narrativas oferecem a possibilidade do sujeito compreender a relação entre o discurso ideal e seus múltiplos pertencimentos, ou seja, através da narrativa o indivíduo pode refletir sobre o que é colocado como modelo na sociedade e o como ele se posiciona diante deste.

### 3.2 Do processo de coleta de dados

A pesquisa utilizou como técnica para coleta de dados, as entrevistas, por ser um instrumento privilegiado no que diz respeito à interação social entre o sujeito e o pesquisador. Esta possibilita uma maior aproximação com o campo e os objetivos desta pesquisa, pois permite a compreensão do contexto e do momento em que se situam os indivíduos- percepção de prováveis práticas, gestos e fala informal do sujeito sobre seu cotidiano (MINAYO, 2000).

Tendo em vista os objetivos e metas estabelecidos, utilizamos as seguintes modalidades de entrevistas: a entrevista temática e a entrevista com enfoque biográfico. A entrevista temática se adequa a esta pesquisa, pois se orienta pela necessidade de desdobramentos e vínculos entre entrevistados. Nesta, o depoente é solicitado a falar apenas sobre determinados temas os quais estimulam as lembranças que possibilitam a construção e reconstrução das narrativas dos indivíduos entrevistados (NEVES, 2006). Segue no anexo 1, o roteiro geral de entrevista.

A entrevista com enfoque biográfico foi utilizada nesta pesquisa como instrumento para construção das relações existentes entre o grupo e o indivíduo.

Segundo Marré (1991) o método biográfico:

Permite reconstruir, em cada história de vida, a presença de relações básicas e complexas que dizem respeito às categorias sociedade, grupo e indivíduo, expressas na relação oral. São relações ligadas à estrutura social e grupal e, ainda a ideia de rearranjo e reapropriação do social, que o indivíduo faz como unidade singular de seu relato (p. 91).

Assim, solicitamos a reconstituição da história de vida sexual de nossos interlocutores conforme roteiro no anexo 2. Foi utilizada como critério para composição da amostra a saturação teórica. Este método é baseado num suposto “ponto” de saturação, no qual há o esgotamento da amostra pela incapacidade de acrescentar informações relevantes à pesquisa, ou seja, considera-se que a amostra está saturada a partir do momento que as entrevistas posteriores não acrescentam mais nada ao que as outras já trouxeram. Neste sentido, no processo de coleta de dados, após a oitava entrevista percebeu-se que os dados não mais contribuíram para a elaboração teórica pretendida, assim, houve à suspensão da inclusão de participantes, pois os dados passaram a serem redundantes ou repetidos (MARRÉ, 1991).

Os participantes foram recrutados a partir do método denominado *Snow ball ou* “bola de neve”. Neste método, um indivíduo é recrutado e, em seguida, indica outras pessoas de seu convívio para também participarem da amostra. Para isso, inicialmente, seleciona-se um número de pessoas que conhece muitos indivíduos com características da população-alvo. Em seguida, solicitam-se informações sobre os outros membros da população de interesse para posteriormente recrutá-los. Esse procedimento é repetido algumas vezes, até que o tamanho

pré-definido da amostra seja alcançado ou até que a população fique saturada (GOODMAN, 1961 apud ALBUQUERQUE, 2009).

Neste sentido, os entrevistados foram convidados para participar voluntariamente das atividades da pesquisa e não foram acessados por suas vinculações a instituições específicas, e sim por contato espontâneo ou redes de relações formadas pelos pesquisadores ao longo da investigação. Segue, no anexo 3, o modelo de consentimento informado.

### 3.3 Sobre os sujeitos da pesquisa

As entrevistas foram realizadas em locais combinados previamente entre a mim e o sujeito de pesquisa. Estas ocorreram em diferentes Shoppings Centers; no meu local de trabalho (sala de aula) e num salão de beleza cujo proprietário era o companheiro de um dos entrevistados. Tanto a Entrevista temática, quanto a Entrevista com enfoque biográfico foram realizados no mesmo dia, e de forma sequencial.

As entrevistas foram realizadas com 8 sujeitos. Os Critérios de inclusão dos sujeitos foram: 1. Ser homem com práticas homossexuais; 2. Ser Católico praticante (frequentar a Igreja Católica pelo menos 1 vez por semana); e 3. Conhecer os Dogmas cristãos.

No intuito de preservar as identidades dos sujeitos da pesquisa, criamos pseudônimos para eles. Assim, Os sujeitos entrevistados apresentavam o seguinte perfil:

TABELA 1- Perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Raça/cor	Frequencia que vão à
Anderson	18	Ensino médio	Pardo	Aos Domingos
Ricardo	32	3º Grau	Pardo	1 vez por semana
Hélio	31	Pós-graduado	Branco	Aos Domingos
Ivan	46	Pós-graduado	Pardo	Aos Domingos
Sidney	43	2º Grau	Pardo	Aos Domingos e nas
Cláudio	53	3º Grau	Pardo	1 vez por semana
Heraldo	21	2º Grau	Branco	1 vez por semana
Glauco	36	Pós-graduado	negro	1 vez por semana

**Fonte:** Elaborado pela autora (2016)

### 3.4 Análise dos dados

Como método para análise dos dados, utilizamos da análise temática e do método da dupla hermenêutica.

A análise temática, conforme Minayo (2000) permite que, após a leitura exaustiva do material adquirido, se descubra núcleos de sentido, a partir dos quais se inicia a

aproximação com o referencial teórico que orienta determinada pesquisa. Esta autora destaca que para fazer uso desta técnica são necessárias três etapas: a primeira fase consiste na pré-análise e constituição do Corpus, onde devem ser realizadas leitura flutuante sobre o material para em seguida se observar se o corpus das informações coletadas responde o que foi proposto no roteiro da entrevista; na segunda etapa há a exploração do material e na última etapa ocorrerá o tratamento e a interpretação dos dados obtidos. Esta etapa permite que se façam inferências a partir dos significados encontrados.

De acordo com Rios (2012), o método interpretativo da dupla hermenêutica permite observar os sentidos que os sujeitos – em nosso caso homens católicos com práticas homossexuais - constroem de suas ações e relações. Este método permite que se desvele os sentidos construídos pelos sujeitos da pesquisa sobre suas próprias ações, a partir dos sentidos construídos pelo pesquisador, enquanto analista, e dos referenciais teóricos-metodológicos construídos a partir das ações e/ou interpretações dos nossos interlocutores (GIDDENS, 1984).

Nesta perspectiva, a partir das entrevistas realizadas (entrevistas com enfoque biográfico e entrevistas temáticas) e uma leitura densa das mesmas, foi confeccionado um quadro de análise temática a partir do qual, em consonância com os objetivos e metas estabelecidos por esta pesquisa, empreendeu-se a análise e interpretação dos resultados.

#### **4 Das partes**

A dissertação está organizada nas seguintes partes: no primeiro capítulo realizamos um breve levantamento sobre como os discursos Cristãos, em especial, os propalados pela Igreja Católica, concebem a homossexualidade. Ainda no referido capítulo, abordamos as propostas proferidas pelas igrejas autointituladas, Inclusivas; pois estas igrejas aparecem em diversos estudos sobre as interlocuções em Religião e Homossexualidade. Ainda nesta primeira parte, abordamos como a Desregulação Religiosa e a Produção de sentidos, vêm sendo apresentadas nas pesquisas sobre sexualidade.

Antes de iniciarmos a segunda parte, apresentamos mini-biografias dos sujeitos da pesquisa. A ideia é propiciar uma visão geral da trajetória sexual-religiosa dos sujeitos.

Na segunda parte, como o caminho analítico percorreu a sequência do roteiro das entrevistas (anexo 1 e 2), temos dois Capítulos de Discussão: no primeiro, a temática abordada será a Construção da Trajetória sexual dos sujeitos da pesquisa e no segundo, a ênfase será na Trajetória Religiosa dos sujeitos e a Interlocução desta com o desejo Homoerótico vivenciados por estes.

Por fim, faremos algumas considerações sobre os aspectos que mais se destacaram na presente pesquisa.

**PRIMEIRA PARTE:****BREVE LEVANTAMENTO SOBRE OS DISCURSOS CRISTÃOS**

## **Capítulo 1: RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE**

Neste capítulo realizamos um breve levantamento sobre como os discursos Cristãos, em especial, os propalados pela Igreja Católica, concebem a homossexualidade. Na sequência, abordamos as propostas proferidas pelas igrejas autointituladas, Inclusivas, as quais figuram em diversos estudos sobre as interlocuções em Religião e Homossexualidade. Finalmente abordaremos como a Desregulação Religiosa e a Produção de sentidos, vêm sendo abordadas nas pesquisas sobre sexualidade.

### **1.1 O campo religioso brasileiro**

Neste tópico realizaremos uma breve descrição do campo religioso brasileiro, a partir do último Censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) 2010 e de dados obtidos a partir de duas pesquisas, uma realizada no ano de 2011, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a outra no ano de 2013, pela Datafolha; com o objetivo de fundamentar a importância da matriz Católica para cultura brasileira.

A Religião Católica chegou ao Brasil desde 1500, ano de sua colonização pelos portugueses e tornou-se a Religião oficial do país desde sua primeira Constituição. Esta permaneceu sendo a Religião com maior número de adeptos, mesmo após a instituição da liberdade religiosa em 1890. Era considerada a religião mais aceita socialmente, sendo sua adesão importante para aqueles que buscavam a ascensão social (BUSIN, 2008).

O catolicismo ainda se configura como a religião com maior número de fiéis no Brasil, porém pesquisas apontam para o declínio de sua centralidade. Teixeira e Menezes (2013) observam que o catolicismo brasileiro, antes considerado como a religião brasileira, apresenta-se no quadro atual como sendo apenas a religião da maioria dos brasileiros.

No Censo 2010 do IBGE, observou-se que apesar do Catolicismo ser a Religião majoritária, seu número de fiéis vem caindo, em proporções semelhantes, há duas décadas, principalmente nas regiões mais urbanizadas e populosas do País.

Tal levantamento aponta para uma crescente diversidade de grupos religiosos no Brasil, indicando um evidente crescimento dos que se declaram evangélicos assim como também dos que professam a Religião Espírita (Cf. Tabela 2).

Para Teixeira e Menezes (2013), este movimento de retração do número de fiéis católicos não reflete a diminuição do cristianismo, uma vez que há um aumento do número de evangélicos no país, principalmente nas últimas décadas.

Neste sentido, apesar das mudanças no cenário religioso brasileiro, indicando a pluralização de crenças; a hegemonia cristã ainda é notória.

TABELA 2- Distribuição percentual da população residente, por religião- Brasil- 2000/2010		
<b>Religiões</b>	<b>2000 (%)</b>	<b>2010 (%)</b>
Católica Apostólica Romana	73,6	64,6
Evangélica	15,4	22,2
Espírita	1,3	2
Umbanda e Candomblé	0,3	0,3
Outra religiosidades	1,8	2,7
Sem religião	7,4	8
Não sabe/não declarou	0,2	0,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

O Centro de políticas sociais/FGV divulgou em 2011 dados importantes sobre o mapa das religiões no Brasil. Entre outros dados levantados, constatou-se que independente do credo, em termos de religiosidade ativa, o Brasil, está exatamente no meio do ranking global de 156 países, com 50% de sua população frequentando cultos religiosos (NERI, 2011, p. 9). No que se refere à importância da religião, o referido mapeamento, constatou que, em comparação com as nações, o Brasil está em 69º lugar com 89% de sua população concordando que a religião é importante (NERI, 2011, p.15)

Ainda sobre o campo religioso brasileiro, foi realizado um levantamento nos dias 06 e 07 de Junho de 2013 pelo Datafolha, no qual, 57% dos brasileiros, com dezesseis anos ou mais, afirmaram ser católicos, seguindo os grupos religiosos: Evangélicos Pentecostais, com 19%, Evangélicos não Pentecostais, com 9%, Espírita, com 3%, e Umbanda, com 1%. Outras religiões alcançaram 2%, sem religião 7% e ateus 1%.

Com relação à pluralidade de crenças observadas no Brasil, o autor Marcelo Ayres Camurça (2009) explica a partir de Steil (2001), que a diversidade de visões religiosas do mundo:

Altera de maneira significativa o papel da religião na sociedade, passando da condição de “fundante do social” para se restringir à esfera da cultura e da produção de significados e símbolos que fornecem um sentido para a subjetividade do indivíduo moderno (p. 177).

Neste sentido, a intensa diversidade de crenças apresentadas no campo religioso brasileiro, aliada ao que Steil (2001, p.120) denomina de “mercantilização do campo religioso”, no qual o sujeito pode optar, de acordo com o critério que mais lhe convenha, qual

a religião que deseja aderir; repercute diretamente nos sentidos de pertencimento e adesão do sujeito religioso da atualidade.

## **1.2 O Cristianismo e a sexualidade: um breve histórico**

O Cristianismo faz parte da história da sexualidade. Este se utilizava de mecanismos de poder - o poder pastoral- o qual levava os indivíduos a perceberem como fraquezas suas inclinações carnis (RIOS; PARKER; TERTO Jr., 2010).

O poder pastoral, diante da sexualidade, desempenhava o papel de poder e controle “que era ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, de saber sobre os indivíduos, mas também de saber dos indivíduos sobre eles próprios e em relação a eles próprios” (LONGARAY; RIBEIRO, 2011, p. 119).

Foucault (2006) analisa que diferentemente do poder político tradicional que age sobre o território, atuando sobre os dominados; o poder pastoral age sobre a multiplicidade, ou seja, atua sobre os indivíduos garantindo a sua subsistência e a do grupo. Neste sentido, a figura do pastor cristão está associada a sua capacidade de se sacrificar pelo seu rebanho, de cuidar de cada indivíduo um a um e de representar e produzir verdades. Ou seja, o poder pastoral “ensina a verdade, ele ensina a escritura, a moral, ele ensina os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja” (LONGARAY; RIBEIRO, 2011, p. 118).

Assim, nas sociedades onde o referido poder operava, os indivíduos eram obrigados a se empenharem por sua salvação e assim, evitar a punição. Para isso, suas ovelhas eram obrigadas a se comprometer em se confessar ao pastor de forma exaustiva e permanente (LONGARAY; RIBEIRO, 2011).

A confissão então adquire um caráter de profilaxia, pois os sujeitos eram instruídos a confessarem seus pecados, principalmente os contra a carne; considerados “sujos” e, após sua devida punição, estes estariam salvos (“limpos”).

Nesta perspectiva, o poder pastoral, através da confissão, passa a controlar e governar, por exemplo, os sujeitos com práticas homossexuais.

Estes são levados pelas instituições religiosas a confessarem suas práticas e desejos, sendo posteriormente infligidas sanções normativas que pretendem estabelecer o padrão considerado normal da sexualidade, a heterossexualidade.

A confissão configura-se como um instrumento de investigação, por meio do qual, tenta-se encontrar a origem do problema que levou o indivíduo a se desviar da norma, da ordem natural de Deus. Logo, esta desempenha o papel, de controlar os sujeitos e produzir verdades sobre a sexualidade (LONGARAY; RIBEIRO, 2011).

No que concerne aos discursos atuais (re)produzidos pelas instituições religiosas, a homossexualidade é considerada como “antinatural, como abominação, como pecado” (LONGARAY; RIBEIRO, 2011, p.120). Estes discursos são justificados a partir de preceitos tradicionais agregados às instituições familiares, os quais destacam que “uma vez que não há a possibilidade de procriação, não correspondendo, dessa forma, com a constituição da família patriarcal”, sujeitos com práticas homossexuais se constituem como desviantes e anormais (p. 120). Estes argumentos foram instituídos a época de Roma quando se proclamava que: “a sexualidade deve ser monogâmica e ter como finalidade única, a reprodução” (p. 120).

Neste sentido, compreendendo que as religiões cristãs corroboram com muitas das concepções preconceituosas sobre a homossexualidade, pode-se questionar: como estas percepções foram construídas ao longo do tempo? Como a temática da homossexualidade era tratada nos primórdios do cristianismo? Esta sempre foi estigmatizada pela sociedade ocidental?

Para refletir sobre estas questões, será realizado um breve levantamento sobre como a homossexualidade vem sendo abordada ao longo dos anos a partir dos preceitos cristãos. Para isso, serão analisadas produções acadêmicas que fizeram considerações sobre o que a Bíblia- “manual de técnicas de si dos cristãos”- dispõe sobre as práticas homossexuais (RIOS; PARKER; TERTO Jr., 2010, p.204).

Antes de citar algumas interpretações alternativas àquelas divulgadas e propagadas por grande parte das igrejas cristãs, é preciso que se compreenda que tipo de abordagem permite estas interpretações.

O Sacerdote Daniel A. Helminiack em seu livro: O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade, lança uma questão: Se Deus não erra e foi ele quem criou o homem, assim como tudo que se refere a humanidade faz parte do plano divino; por que deveria a palavra de Deus na Bíblia condenar a Homossexualidade? Neste sentido, o Padre Helminiack argumenta que se Deus não erra, o erro possivelmente está na interpretação que se faz da Bíblia (HELMINIACK, 1998).

Nesta perspectiva, o autor distingue duas formas de interpretação vigente: a Fundamentalista (literal) e a histórico-científica (HELMINIACK, 1998). Assim, as análises que serão mostradas adiante fazem parte desta segunda abordagem de análise, na qual a significação do texto só ocorre quando antes o compreendemos em sua situação original (contexto histórico e cultural) (HELMINIACK, 1998).

Além disso, é preciso compreender que a própria concepção de homossexualidade tal como é entendida hoje, como uma orientação sexual; na época bíblica era compreendida de forma genérica como “atos ou contatos entre pessoas do mesmo sexo” (HELMINIACK, 1998, p. 35).

Para começar a refletir sobre os diferentes significados de passagens usualmente utilizadas pela Bíblia para justificar a homofobia, tem-se a análise que os autores Furtado e Caldeira (2010) fazem da passagem bíblica encontrada no livro de Levítico capítulo 18, versículo 22: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação...”, estes explicam que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo era considerado proibido porque pressupunha idolatria e infidelidade de Israel a Deus, não tendo relação com os preceitos morais da época; outra explicação tecida por estes autores envolve a ideia de preservação do sêmen, pois Israel precisava crescer como nação<sup>2</sup>.

Outra passagem bastante conhecida pelos cristãos para justificar a homofobia, é a de “Sodoma e Gomorra destruídas”, a partir da qual se cunhou a palavra “sodomia”.<sup>3</sup>

De acordo com Norbert Reck (2008 apud FURTADO; CALDEIRA, 2010), a interpretação vigente até a Idade média era que cidade de Sodoma havia sido destruída devido à grande desobediência aos princípios básicos da lei de Moisés; não estando, portanto, relacionada à condenação moral.

Outra análise empreendida aos textos bíblicos foi realizada por Rios, Parker e Terto Jr. (2010). Estes propõem que se investiguem como a “carne”<sup>4</sup> aparece no Novo Testamento, mas especificamente nas Epístolas Paulinas.

Primeiramente se fez uma investigação a partir do evangelho de João, constatando que embora a carne aparecesse ali como símbolo da Glória divina, ou seja, sem nenhuma conotação de pecado; os cristãos a consideravam como instrumento de pecado.

Outros livros são apontados pelos autores, como o livro de Mateus no qual o apóstolo alerta para a fraqueza da carne; e o livro de Paulo, que a considerava como um perigo a ser evitado.

---

<sup>2</sup> Furtado e Caldeira (2010) tiveram como fonte o autor Daniel Helminiak, o qual segundo os autores é padre, teólogo, cientista social, psicoterapeuta e educador do Instituto Pastoral de Pittsburgh. Dedicou-se à integração entre religião e psicologia na teoria e na prática. Autor de diversos livros sobre o assunto, artigos em jornais e revistas católicas.

<sup>3</sup> Em 1025, o bispo Burkhard de Worms usou no livro penitencial *Decretum* a palavra Sodoma, a qual estava relacionada ao ato sexual entre iguais. Neste sentido, com o tempo surgiram as expressões „sodomia”- que se tornou sinônimo de ações sexuais entre pessoas do sexo masculino- e “sodomitas”- referentes a aqueles que praticavam sodomia (FURTADO; CALDEIRA, 2010).

Traçando uma análise das Epístolas Paulinas, os autores verificam uma divisão dos pecados em cinco grandes categorias, sendo o pecado contra o “corpo- carne” uma destas. A referida categoria ainda aparece subdividida em quatro subcategorias, entre as quais, em conformidade com o objeto da presente pesquisa, destaca-se a “*masculorum concubitores*” (os homens que dormem juntos).

Deste modo, a homossexualidade figuraria como um ato pecaminoso. Assim, “a homossexualidade difundida no mundo helenístico e considerada normal, tornava-se um ato abominável e proibido” (ARIÈS, 1987 apud RIOS; PARKER; TERTO Jr., 2010 p. 199).

A partir deste breve levantamento sobre as passagens da Bíblia que remetem à Homossexualidade, percebe-se que muitas de suas passagens são utilizadas pela igreja para justificar a homofobia.

Rios, Parker e Terto Jr. (2010), observam que as concepções cristãs funcionam com estruturas de tempo longo e continuam presentes orientando pensamentos e ações no ocidente contemporâneo. Portanto, deve-se refletir o quanto os dispositivos religiosos influenciam na subjetivação de homens católicos com práticas homossexuais.

Apesar destas visões estigmatizadoras sobre as práticas homossexuais, Furtado e Caldeira (2010) apontam que não há mais uniformidade nos discursos das Igrejas cristãs a respeito da Homossexualidade e relacionam entre outros exemplos, o trabalho das igrejas evangélicas inclusivas. Estas difundem uma leitura da Bíblia que considera legítimo as práticas homossexuais, permitindo que o sujeito possa conciliar a vivência de uma religiosidade cristã com o exercício de sua orientação sexual (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2008).

No entanto, vale salientar, que muitas destas Igrejas denominadas “inclusivas” ainda estão atreladas a uma moral cristã aplicada à heterossexualidade, incluindo apenas uma “certa” homossexualidade.

Fazendo um breve histórico sobre como a homossexualidade era concebida pelo Cristianismo, a autora Jurkewicz (2005) destaca que antes mesmo da Expansão do Cristianismo, já havia uma lei romana, a *Lex Scantinia*, que mesmo considerada letra morta, já condenava a homossexualidade. Esta Lei foi se fortalecendo conforme o cristianismo foi se difundindo (JURKEWICK, 2005).

Entre os séculos VII e XI surgem os Penitenciais, guia que os Sacerdotes e fiéis utilizavam para saber qual é a penitência adequada para cada tipo de pecado.

---

<sup>4</sup> Rios, Parker e Terto Jr. (2010) elegem a categoria êmica “carne” para se investigar/compreender a sexualidade na Bíblia, uma vez que os termos sexo/sexualidade e erotismo não são assim nomeados na Bíblia (p. 197).

Neste contexto, surge uma distinção entre formas de atos homossexuais: passiva e ativa, habitual ou ocasional, entre outras (JURKEWICK, 2005).

Na Idade média, Santo Tomás de Aquino insere a homossexualidade entre os pecados contra *naturam*, ao lado da masturbação e a relação sexual com animais. Para Tomás de Aquino o pecado da homossexualidade é mais grave que os pecados *secundum naturam*, como adultério, violação e sedução; pois apesar destes se oporem significativamente contra a ordem da caridade, a homossexualidade, por desafiar a ordem natural fixada por Deus, é mais grave que uma ofensa feita contra o próximo (JURKEWICK, 2005).

A influência de Tomás Aquino sobre os teólogos anteriores é significativa, sendo a homossexualidade historicamente considerada uma atividade contrária à ordem natural, na qual a relação sexual estaria somente orientada para procriação (JURKEWICK, 2005).

E os tempos atuais como a Igreja Católica concebe a Homossexualidade? O debate sobre a homossexualidade nas Igrejas tem como parâmetro os textos bíblicos, que como foi discutido anteriormente, são frequentemente utilizados para justificar a homofobia.

Mas esta não é a única posição do Cristianismo sobre a homossexualidade, há certo dissenso no discurso atual. A autora Regina Soares Jurkewick (2005) aponta como exemplo dessa discordância a visão do Reverendo Dr. William Coyuntryman. Este evidencia que o relato bíblico não tem como objetivo prescrever um imperativo ético, sendo observado muito mais pela tradição do que pela autoridade da Escritura. Neste sentido, a autora problematiza se isso também não ocorre no que diz respeito às passagens bíblicas frequentemente utilizadas para justificar a condenação às práticas homossexuais? (JURKEWICK, 2005).

Do ponto de vista dos fiéis cristãos, Jurkewick (2005) destaca que ainda existe muito preconceito contra os homossexuais, apesar de constatar que a tolerância está crescendo devido a maior visibilidade que estes estão conseguindo.

No que diz respeito ao Vaticano, este editou em Abril de 2003 um glossário de termos sexuais, no qual há um capítulo que afirma que a homossexualidade é uma consequência de um conflito psicológico mal resolvido, sendo os homossexuais considerados anormais. Desta forma, o discurso oficial da Igreja Católica é ainda condenatório no que diz respeito às práticas homossexuais. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, este discurso não é monolítico (JURKEWICK, 2005).

### **1.3 As igrejas inclusivas**

São consideradas igrejas inclusivas, um “inovador” movimento religioso caracterizado por pregar a compatibilização entre a religiosidade cristã e a vivência de práticas

homossexuais. Estas são lideradas por pastores homossexuais, os quais questionam dogmas bíblicos que condenam a homossexualidade e procuram promover, através de cultos que não interditam o exercício e expressão das identidades LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros); o “apagamento” dos estigmas direcionados aos dissidentes da norma heterossexual (NATIVIDADE, 2008). Desta forma, as igrejas inclusivas ao compatibilizarem a vivência de uma vida espiritual com as práticas homossexuais, permitindo entre outras experiências, o exercício da vida eclesial; exercem uma forte atração sobre a diversidade sexual (Natividade; Oliveira, 2013).

A adesão a um grupo inclusivo, segundo Natividade (2008), envolve ressignificações e produz justificações religiosas, que segundo o referido autor, assinala uma “pedagogia de aceitação” por parte das lideranças religiosas (p. 2).

Neste sentido, Natividade e Oliveira (2009), ao investigar os dilemas envolvidos na constituição da subjetividade entre religiosos que aderem a igrejas inclusivas, observa que:

Esta reelaboração de si, de uma perspectiva analítica, pode ser interpretada como submissão à **pedagogia da aceitação** exercida pelos grupos inclusivos, que atuam ativamente ao nível do cuidado pastoral, difundindo justificações religiosas para a constituição de identidades sexuais. (...). A **pedagogia da aceitação** inclusiva facilita a mediação entre estes discursos, estendendo a aceitação de Deus às identidades LGBT, que deixam de ser percebidas como **abominação** ou **pecado** e passam a ser reconhecidas como formas legítimas de viver a sexualidade. Deste modo, promove-se uma neutralização do estigma que incide sobre estas manifestações da diversidade sexual, possibilitando aos fiéis soluções contingentes para seus dilemas de constituição de identidade (p. 162).

Assim, estes autores compreendem as iniciativas religiosas inclusivas, como um instrumento que contribui para redução da vulnerabilidade que incide sobre os homossexuais. Eles analisam que por difundir uma leitura bíblica que legitima o exercício de sexualidade dissidentes da norma heterossexual, as igrejas inclusivas atraem sujeitos que experienciam estes dilemas e fornecem ferramentas para que possam constituir sua orientação sexual.

#### **1.4 Desregulação religiosa e produção de sentidos**

O poder pastoral, exercido pelas Instituições religiosas, visa controlar as condutas dos indivíduos. Estes são estimulados a confessarem seus pecados, entendendo que através da punição, serão conduzidos à salvação. Por conseguinte, a salvação está atrelada a aceitação das normas, ou seja, pressupõe aceitação dos valores e dogmas cristãos.

Desta forma, pensando a religião como prática social e admitindo que os indivíduos esperam do discurso religioso orientação para suas práticas, é possível conciliar práticas

sexuais dissidentes das normas e valores cristãos com a religião? Como estas negociações podem influenciar na produção de sentidos destes indivíduos?

A este respeito, Silva, Paiva e Parker (2013) reconhecem que a religião influencia na construção da subjetividade e compreende que:

a forma como cada pessoa insere-se nas comunidades religiosas, como vive sua religiosidade, e o modo como constrói sua identidade religiosa no movimento de apropriação dos elementos necessários à satisfação de suas necessidades, assim como no afastamento dos elementos considerados inadequados para sua vida, são processos que a constituem como sujeito religioso. A comunidade religiosa compõe o mosaico de discursos com o qual jovens se deparam e têm de lidar nos momentos em que realizam suas escolhas, lidam com seus desejos, na forma como vivem ou viverão as experimentações afetivosexuais (p. 104).

Nesta perspectiva Sanchis (2001), analisa que a construção da identidade do sujeito “sexual-religioso” perpassa diversidades e pluralismos, que são percebidos a partir do deslocamento do discurso dogmático das religiões para sua realização implicada na subjetividade do indivíduo (p. 113). Neste sentido, reconhece-se a capacidade de negociação entre os discursos religiosos oficiais e as experiências cotidianas. Sendo assim, o pertencimento religioso se constitui como relativamente independente da adesão às ideias e práticas das instituições religiosas (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

Conforme Duarte (2005), apesar de constantemente pensarmos que a relação entre os discursos religiosos e seus fiéis, se dá de forma unilateral; na verdade este se dá a partir de um *Ethos* privado não confessional, ou seja, a escolha, adesão e permanência dos indivíduos na igreja; está atrelada a ressonância destes discursos com os valores e formas de condutas de seus fiéis.

Duarte, entretanto, explica que essas escolhas não são completamente individuais, pois os sujeitos também são influenciados por outras instâncias, como a família e a comunidade.

Diante disto, o sujeito religioso se faz protagonista de sua religiosidade, orientando-se pelo sistema de crenças disseminado pela sua religião de escolha, mas tendo liberdade de modifica-lo quando necessário, ajustando-os a sua experiência (SILVA; PAIVA; PARKER, 2008). Ou seja, há uma adaptação, por parte dos fiéis dos discursos e dogmas cristãos, a partir de valores individuais ou subjetivistas.

Por outro lado, analisando a afirmação de Natividade e Oliveira (2009, p. 103): “a autodeterminação e a capacidade de discernimento em face das instituições religiosas depende, entre outros fatores, da autoconfiança dos indivíduos e da inclusão em diferentes redes de sociabilidade”, pode-se compreender que nem sempre estas negociações serão possíveis, uma vez que estas envolvem outras instâncias que influenciam na subjetivação dos indivíduos.

Análise semelhante foi realizada por Busin (2011), a qual aponta que muitos indivíduos com práticas homossexuais, diante do conflito entre as identidades religiosas e sua orientação sexual se afastam da religião, pois vivem “sentimentos de intensa culpa e vergonha” (p. 123). Estes indivíduos adquirem uma percepção negativa de si, acreditando serem incompatíveis com a vida religiosa.

Neste sentido, BUSIN (2011, p. 116) observa que:

Tanto a sexualidade quanto a experiência religiosa são modeladoras da subjetividade das pessoas, levando a formas distintas de se perceber o mundo e de estar nele, de se vivenciar as relações sociais, atualizadas e reelaboradas pelas experiências sociais vividas.

## **MINIBIOGRAFIAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

## MINIBIOGRAFIAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

### **Anderson (18 anos)**

Mora com a mãe e a irmã. Tem um bom relacionamento com elas apesar de não conversar muito com a irmã. Já falou abertamente com a mãe sobre sua orientação sexual e teve seu apoio. Para ele, este apoio foi muito importante. Seu pai não sabe, mas segundo ele, deve saber pelos parentes. Eles não têm um relacionamento próximo. Quando era criança dizia que gostava de brincar de "coisas de meninas". A descoberta do desejo ocorreu a partir de brincadeiras na infância, mas só consumou com penetração na adolescência. Esta experiência inicial levou a sentimentos de culpa. Através da mãe começou a frequentar a igreja. Foi Catequizado e Crismado. Participou de grupos de jovens, mas depois de um tempo passou a se sentir mal com as fofocas do povo da igreja; assim, passou apenas a ir aos Domingos para missa. Considera que não é fácil ser homossexual, sofre muitos preconceitos, inclusive dentro da Igreja. Afirma conhecer bem a Bíblia e entende que a homossexualidade é considerada abominação aos olhos do Catolicismo, no entanto, afirma que é possível que a origem da condenação da homossexualidade, vista muitas vezes em livros da Bíblia, pode ter sido uma estratégia para aumentar o número da população, pois estavam morrendo muito naquela época, devido à guerras. Compreende que apesar dos dogmas, o que importa é a relação dele com Deus. Ele ainda considera que a homossexualidade seja um pecado mas entende que Deus sabe que ele é uma boa pessoa e que ele tenta viver de forma honrada. Disse que quando sua mãe descobriu sobre sua orientação sexual, disse para ele que ele tinha que estudar e ser "alguém" e não se juntar com pessoas de má índole. Hoje está solteiro e diz que está bem assim. Parece ter focado em dá orgulho para mãe, estudando e "sendo alguém". A culpa ainda está presente, mas ele parece ter se revestido de argumentos e sentimentos que motivem a este não desistir de quem ele é.

### **Ricardo, 32 anos**

Na infância tinha amizades predominantemente masculinas. Hoje, mora com a mãe que tem 65 anos. Nunca falou a respeito da homossexualidade com ela. O pai morreu mas antes de morrer também não falavam a respeito. Mas diz que a mãe deve saber a respeito da sua orientação sexual. Tem um bom relacionamento com a família. Ele não se sente bem em falar a respeito de sua homossexualidade. Sua primeira experiência sexual foi com uma mulher. Diz que não foi satisfatório. Sua primeira relação homossexual foi mais ou menos na época que ele não estava mais forte na igreja. Essa primeira relação surgiu através de apresentação de amigos que o convidavam a ir a ambientes LGBT. Está há anos com o mesmo companheiro. Fala de sua sexualidade como algo que acontece naturalmente e que não é tão necessário ao relacionamento dele. Parece ter certa reserva quanto ao desejo da carne. Desde pequeno, a família inteira frequentava a igreja. Fez primeira Comunhão, Crisma, já foi catequista, trabalhou com grupos jovens. Era bem atuante. Diz que a Bíblia foi traduzida pela igreja Católica conforme os interesses dela. Considera que alguns textos da bíblia parecem "costurados". Então para ele, os dogmas foram criados a partir de uma pessoa de grande poder eclesial que dizia que determinada prática não era tão boa. Diz que hoje a Igreja católica parece ter mudado um pouco o pensamento a respeito dos homossexuais e cita o novo papa como mais aberto. Ele diz que dentro da igreja nunca expos sua orientação sexual, mas que algumas pessoas devem ter notado pelo seu jeito de ser. Ele afirma que se ele percebeu algum olhar mais preconceituoso foi por parte das pessoas mais antigas, que segundo ele teriam uma grande dificuldade nesta parte. Afirma que a Igreja é perfeita, e que falho são os homens. Diz que a maior relação é entre ele e Deus e que não precisa de um templo para poder adorar a Deus. Afirma ser suas atitudes, a forma como ele se relaciona com Deus que importa.

**Hélio, 31 anos**

Quando criança se achava diferente dos outros meninos. Não se interessava por brincadeiras tidas como de meninos. Diz que não desconsidera a possibilidade de ter relações com uma mulher. Ele diz que o desejo, o amor, independe da orientação sexual. Para ele o que importa é o amor, respeito, afeto. Hoje está com uma pessoa que ele conheceu depois de uns 7 meses de viúvo (Foi casado por 5 anos). Afirma sofrer preconceitos devido a sua orientação sexual. Afirma que na empresa que trabalha, de vez em quando escuta “gracinhas”. Sua família é predominantemente evangélica, mas aos 10 anos ele resolveu frequentar a igreja católica. Fez primeira comunhão e crisma. Saiu da igreja evangélica para a Católica porque a percebe como mais acolhedora. Entende que o que importa é sua relação com Deus. Que ele faz suas orações; escuta seus louvores e que por isso entende que não é a religião que salva. Fala que as religiões como um todo, não sabem interpretar a Bíblia e que elas fazem a interpretação, conforme lhe convêm. Diz que não faz nada só pra gradar a sociedade, se importa diretamente em agradar a Deus. Sua mãe nunca escutou de sua boca que ele é homossexual, mas ele afirma que ela sabe. Chegou a conversar com uma das irmãs sobre sua orientação sexual, pois estava no fundo do poço com a morte do companheiro, pois, segundo ele, apesar de ter muito conforto com os amigos, precisava de um carinho da família. Afirma ter tido uma grande vontade em ser pai no passado. Quer deixar alguém no mundo.

**Ivan, 46 anos**

No início, como não se aceitava, apesar de ter relações com homens; achava que quem era o gay era a outra pessoa. Inclusive ele não tocava na pessoa, ele apenas sentia o prazer. Passou um momento na vida dele que não se aceitava como homossexual e começou a se autoflagelar. Jejuns exagerados. Ele queria Expurgar aqueles sentimentos. Pensava: por que isso comigo? Eu sou uma pessoa tão boa, por que isso? Foi criado num lar cristão. Foi seminarista. Estudava a Bíblia. Atuou na comunidade e inclusive já estive no lugar em que recriminava as pessoas que assumiam a homossexualidade. Ele disse que não se aceitava por não querer está à margem. Em sua aproximação com Deus, começou a entender e aceitar-se. Estudou grego e passou a perceber que muito do que tinha na Bíblia era uma questão de interpretação. Diz que estudou no original. Percebeu que Jesus o amou do jeito que ele era e se Ele o ama, ele também vai se amar. Hoje afirma não gostar de participar de uma única igreja. Sua mãe não sabe sobre sua orientação sexual por sua boca mas chega na casa dele e ver fotos dele e de ser companheiro. Ele diz que tu mundo fala que quem mais sabe é ela. Afirma que conviver com amigos com a mesma orientação sexual, ajudou no caminho da auto-aceitação. Ele percebeu que ser homossexual não tão diferente dos outros, pois seus amigos trabalhavam, estudavam, pagavam impostos. Gosta de assumir para todos que é casado.

**Sidney, 43 anos**

Sofreu abuso sexual aos 7 anos de idade. Isso permaneceu acontecendo até perto dos 09 anos de idade. Seus relacionamentos são sempre com pessoas muito mais jovens. Seus vínculos não são estáveis, embora ele procure por estabilidade. Ele diz que tu acaba do mesmo jeito. Que parece uma novela que se repete sempre do mesmo jeito. Não relata situações de estigma, embora suas relações sejam sempre de inferioridade. Quando jovem participou do Coral da Igreja, de procissões, das festividades, etc. Afirma que atualmente, sempre o chamam para participar das festividades, das quais ele contribui. Participa das feirinhas com doação de

alimentos, etc. Sabe que a Igreja recrimina a homossexualidade, mas afirma que o que é importante "é ter nosso senhor Jesus Cristo em nossas mentes". Parece não ter dificuldades quanto à religião, pois se ver como vítima de um acaso. Entende que o que importa é ter Deus em seu pensamento. Para ele o padre não vai influenciar em nada, ele está lá para ajudar. Afirma que a prática homossexual é errada e que Deus não o fez assim. A maioria de seus amigos são héteros casados.

### **Cláudio, 53 anos**

Quando criança tinha voz fina e achava que desde então seus pais suspeitavam de sua orientação. Sofreu abuso sexual na infância. Afirma que não queria ser homossexual. Só foi ter sua primeira relação sexual aos 24 anos. Considera o meio homossexual muito volúvel. Diz que no início era muito imaturo. Nunca teve experiência com mulher apesar de ser cortejado por elas. Demorou pra encontrar alguém que quisesse algo fixo. Pois ele queria assim. Passou 10 anos com a mesma pessoa. Diz que pede a Deus para arrumar um namorado pra ele. Desde criança participava da igreja católica. Era sacristão, ajudava ao padre. Fez primeira comunhão e crisma. Reconhecia que a igreja recriminava a prática homossexual, inclusive contra alguns padres. Considera a homossexualidade uma coisa física, da carne. Ele compreende sua homossexualidade sem culpa, pois não se ver responsável por ter essa orientação. Nunca falou diretamente sobre sua orientação, mas passou quase 10 anos com a mesma pessoa, e entende que não tem como eles não saberem. Afirma que os amigos foram importantes na sua socialização, pois ele tinha medo de ir pra lugares LGBT sozinho. Afirma que um amigo em particular, deu o caminho da luz, segundo ele, pois o apresentou aos ambientes LGBT.

### **Heraldo, 21 anos**

Na infância já tinha ouvido de familiares que ele tinha um jeito de homossexual, mas não havia ainda o desejo. Aos 17 anos ele começou a ter dúvidas sobre sua orientação sexual. Até então, ele só tinha ficado com meninas. Diz que gosta também de ficar com mulheres. Sua primeira vez foi num carro, com um rapaz que tinha conhecido numa festa. Nesta ocasião ele tinha 19 anos e diz que apesar do medo, foi muito bom e um alívio. Continuou saindo com rapazes, mas depois de um término, voltou forte à igreja, e passou a repudiar seus desejos homossexuais. Nesta ocasião, ele leu testemunhos de homens que falam sobre a castidade como alternativa aos homossexuais. Então ele achava que vivendo sua castidade e pedindo a Deus por uma cura, ele estaria salvo. Então ele quando sentia desejo, orava muito e tentava focar em outras coisas. Conhecia sobre os dogmas cristãos e entendia que seu corpo deveria ser o templo do espírito santo. Assistia palestras e pregações que explicavam que deveriam ser evitadas ações como: masturbação, sexo antes do casamento, etc. Ele compreendia que a homossexualidade era um pecado, uma doença e que ele queria a libertação dela. Ele orava muito e chorava muito por essa libertação. Neste momento ele via o homossexualismo como uma coisa muito grave, um pecado. E após muitas leituras na bíblia entendia a homossexualidade como um pecado muito grave, que poderia levar a condenação. Passou a pesquisar muito sobre como a homossexualidade é entendida pela igreja e se deparou com uma passagem do Livro Levítico. Ele relata que chorou muito, muito. Disse que ficava com mão sobre a Bíblia e chorava, chorava. E dizia: "Deus eu não quero isso pra mim, me liberta". Ele acreditava que ali era uma libertação. Nesta ocasião ele começou a namorar uma colega da igreja. Namoraram por 8 meses e após eles terminarem, ele ficou com um menino que ele já tinha ficado antes. Ele entendeu o seu namoro como uma resposta de Deus e por isso o término

do namoro foi muito difícil e confuso. Depois ele passou a questionar que se Deus pode tudo, porque ele não fez nada a respeito sobre seu desejo homossexual? Então ele passou a compreender que se Deus não o "libertou" como ele pedia tanto era porque não era uma libertação. Agora ele compreende que é possível conciliar o amor a Deus e sua prática homossexual. Ele conta que conheceu um rapaz e se apaixonou por ele e que naquela ocasião, ele não estava mais considerando a homossexualidade como um pecado. Afirma que foi um relacionamento sério. Ele diz que o apresentou a sua mãe, a seus amigos, a Deus, mas infelizmente não deu certo. Ele afirma que tem mais relações com homens, mas nada impede de ter com mulheres. Ele diz que isso não é safadeza é apenas desejo. Afirma que acha lindo o sexo, o prazer, o orgasmo, os olhares, mas que é muito melhor com amor, pois quando isso não existe quando acaba, é vazio. Não é tão legal. Afirma que participou do grupo de jovens, da Pastoral da criança, renovação carismática, catequese para crianças e que não participa como antes, pois é muito julgado. Passou a ver coisas erradas no comportamento das pessoas que estavam inseridas na igreja. Ele entende que ser gay não necessariamente representa levantar uma bandeira, pois sua privacidade é sua. Afirma que sua família é muito unida, amorosa. Ele diz que os amigos foram importantes para sua aceitação. Afirma que se é amor, não pode levar à condenação.

### **Glauco, 36 anos**

A descoberta do desejo aconteceu no finalzinho da infância, através de brincadeiras com amigos e foi aí que se sentia diferente dos outros. Tinha sensações diferentes dos demais. Houve um momento de não aceitação, aos 12 anos mais ou menos. Neste momento teve o primeiro contato, mas sem penetração. Depois o desejo foi aflorando e logo ele teve seu primeiro envolvimento com um amigo de infância. Eles se diziam héteros e até tinham uma namorada para mostrar pra os amigos. Gostava de frequentar ambientes LGBT. Afirma que há 20 anos atrás se sentia culpado por ser homossexual mas, hoje entende que isso não é uma escolha. O seu atual companheiro está há um bom tempo com ele, inclusive, foi apresentado para sua mãe como seu companheiro. Este foi o único a ser apresentado. Afirma que a Igreja Católica, apesar de dizer que aceita, que acolhe a homossexualidade; na verdade, isso não existe. Ele fala de um preconceito velado dentro da própria igreja. Afirma que seu relacionamento com Deus é tranquilo e que Ele está sempre presente. Sempre questionou partes da bíblia que fala sobre a homossexualidade, inclusive ele entende que as interpretações e contextos não são considerados. Sua família é grande e se relacionam bem. Tiveram um choque momentâneo quando souberam sobre sua orientação sexual, mas depois tudo voltou ao normal. Ele mora com a mãe e duas irmãs. Ele recebe amigos gays em casa e a mãe respeita bastante. Ele relata que nunca esteve em vários relacionamentos ao mesmo tempo. Ele tinha um relacionamento por vez. Hoje está num relacionamento há 9 anos e afirma que seu companheiro é um grande parceiro. Tem um bom relacionamento com a família dele. Ele justifica que a mãe deve ter aceitado bem sua orientação sexual, porque ela percebeu que ele só estava com um único parceiro e que ele tinha com este, uma relação de respeito, de carinho e afeto e não só algo carnal.

**SEGUNDA PARTE:**  
CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA SEXUAL DOS SUJEITOS DA  
PESQUISA

## **Capítulo 2: HOMENS CATÓLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS: TRAJETÓRIAS SEXUAIS**

A partir da leitura das narrativas obtidas mediante realização das entrevistas (entrevista de enfoque biográfico e entrevista temática), privilegiamos os temas mais ressaltados e seus possíveis significados, tendo em vista o referencial teórico escolhido. Neste capítulo, serão apresentadas, interpretações sobre as temáticas que mais surgiram nas narrativas dos mesmos. Destacamos que o objetivo não é reunir o maior número de dados possíveis na tentativa de explicar a trajetória sexual dos sujeitos homossexuais, mas sim, conforme a concepção de “tipos ideias” de Weber (1974), descrever densamente (Geertz, 1987) os processos de subjetivação de pessoas singulares; discutir, compreender e refletir sobre o ato de dar significado a eventos e acontecimentos sobre si próprios.

### **2.1 As vicissitudes do desejo homossexual: primeiros passos**

Os sujeitos de pesquisa relataram que perceberam, ainda na infância, comportamentos que eles identificaram como diferentes daqueles que se esperava de um menino. “Quando criança me sentia diferente. Era diferente de meus primos. Não me interessava por brincadeiras de meninos. Gostava de brincar de boneca” (HÉLIO, 31 anos).

Eles também mencionaram que seus familiares muitas vezes faziam comentários a respeito dessas práticas, chamavam atenção de seus pais sobre esses comportamentos, interpretando-os como errado.

Quando eu era criança tinha voz fina e acho que meus pais já desconfiavam de minha orientação por causa disso. (...) Cheguei a ouvir uma conversa de meu pai com meu tio em que meu tio dizia: “esse menino... tu tens que observar mais esse menino! Essa voz, esse jeito, não sei não viu!” (CLÁUDIO, 53 anos).

Em nossa cultura, definiu-se que quem é menino deve se comportar de um determinado modo, que por sua vez é diferente do que se exige da menina. Neste sentido, a criança parece ser orientada a cumprir o seu “destino”, o qual é traçado em função de seus órgãos genitais. Nesta perspectiva, Bourdieu (1999) destaca:

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 1999, p. 17).

Desta forma, caso a criança não siga o repertório culturalmente construído para ela, passa a ser alvo de comentários e preocupações. Apresentar certas características, como voz

fina ou jeito afeminado, é um indicativo de que o menino está se desviando de seu “destino” e por isso ele é julgado como tendo um comportamento anormal, ou seja, fora da ordem heteronormativa. Nesta perspectiva Rios (2011) propõe:

Mas, se, na ordem heteronormativa, o “homossexualismo” pode ser pensado como o outro constitutivo da sexualidade esperada, e o efeminado da masculinidade que se exige dos homens, os homens com praticas homossexuais se organizam e a ela, de algum modo, resistem (p.4).

Assim, CLÁUDIO (53 anos) sente-se mais tranquilo quando na adolescência passa a não ter mais voz fina e jeito afeminado, afirmando que assim sua orientação sexual não estava mais sendo objeto de especulação: “Foi um alívio quando chegou a adolescência e minha voz “normalizou”. Fiquei mais tranquilo”.

A descoberta do desejo ocorreu para todos os sujeitos das entrevistas ainda na infância. Este foi identificado pelos sujeitos principalmente na ocasião de brincadeiras compartilhadas com amigos de seus irmãos ou mesmo com seus primos. Estas brincadeiras, segundo eles, envolviam sexo oral, toques e masturbação. Nesta perspectiva, Rios (2008) sugere que, embora as brincadeiras infantis nem sempre assumam o sentido de homossexualidade, é por ocasião delas, que em muitos casos, são fornecidas as bases que possibilitam, na adolescência e juventude, a entrada neste “outro mundo”(p. 470).

SIDNEY relatou que quando tinha perto de 7 (sete) anos de idade começou a ter relações com um vizinho que era bem mais velho que ele. Estas relações, segundo ele, já envolviam penetração. Com exceção de SIDNEY, os demais sujeitos afirmaram que tiveram sua primeira experiência com penetração apenas na adolescência, sendo que dois dos entrevistados (RICARDO e HERALDO) tiveram inicialmente experiências com mulheres. Sobre estas experiências RICARDO afirmou: “minhas experiências com mulheres foram boas, mas sentia que faltava algo”. Já HERALDO relatou: “Também gosto de me relacionar com mulheres. Não vejo problema algum. É sempre muito intenso”. HERALDO começou a ter dúvidas sobre sua sexualidade por volta dos 17 anos, até então, ele só tinha ficado com meninas. Sobre a descoberta do desejo homoerótico ele narra:

Minha dúvida surgiu quando um rapaz novo na cidade deu em cima de mim. No início fiquei assustado, mas confesso que tinha gostado; ficado curioso sobre essa sensação. Na época não era ainda desejo, era mais uma curiosidade. Dois anos depois, numa festa, o DJ começou a dar em cima de mim, nós trocamos Orkut e dois dias depois marcamos para conversar. E assim eu tive minha primeira vez, ali, no carro do rapaz. Apesar do medo, foi muito bom e um alívio.

Sobre a descoberta do desejo, GLAUCO (36 anos), relata que se sentia diferente dos outros, que tinha sensações diferentes dos demais. Disse que apesar de não aceitar sua

orientação sexual, aos 12 (doze) anos teve o que ele identifica, como o primeiro contato homossexual:

O desejo foi aflorando e logo tive meu primeiro relacionamento. Foi um amigo de infância. Durou mais ou menos 3 anos. Acabou principalmente porque a família dele se mudou. Nós nos considerávamos héteros e até tínhamos uma namorada para mostrar para os amigos. Mas infelizmente, como tudo na vida, acabou. Depois dessa época, apesar de continuar sentindo desejos por homens, resolvi ficar no “armário”. Era a única opção no momento. Foi um período de culpa e de não aceitação.

GLAUCO reconhecia seu “tesão” e compreendia que precisava de um certo anonimato para vivenciá-lo sem o jugo da sociedade. Por isso, seus relacionamentos com homens coexistiam com relacionamento héteros, sendo apenas estes últimos, apresentados à sociedade.

Por causa dos conflitos provenientes tanto da desvalorização social dos desejos homossexuais, quanto do discurso religioso que o condena; antes de se assumir, Glauco relata que levava uma vida dupla, namorava com garotas e ficava com rapazes. Percebemos um crescente processo de “assumir-se” ainda não inteiramente completado. Somente aos poucos ele vai ressignificando sua posição no mundo (RIOS, 2003).

Para CLÁUDIO, a descoberta do desejo envolveu intensos sentimentos de culpa: “não queria ser homossexual e considerava isso um problema. Por isso, só fui ter minha primeira relação aos 24 anos. Antes disso, tentava ‘segurar’ meu desejo. Quando era criança tinha um amigo de meu irmão que tentava “fazer as coisas comigo”. Cheguei a fazer sexo oral com ele, mas depois me senti enojado e culpado. Eu já frequentava a Igreja nesta época e considerava errado esse tipo de desejo e prática”

A experiência de Cláudio sinaliza o poder do discurso religioso, uma vez que ele sendo cristão, sentia-se como pecador, como alguém “sujo” aos olhos de Deus.

Além disso, como já discutimos anteriormente, o caráter de pecado destas relações já haviam sido introjetadas pelo sujeito desde muito cedo.

IVAN relatou que mesmo tendo relações sexuais com homens, na época da adolescência, não se considerava homossexual: “No início, como não me aceitava, apesar de ter relações com homens; achava que quem era o gay era a outra pessoa. Inclusive não tocava na pessoa, sentia apenas o prazer”.

Para dar sentido a vivência de seu desejo, Ivan não tocava no parceiro durante as relações, pois naquele momento, não se sentia “preparado” para “assumir-se”.

A respeito dos sentidos produzidos por Ivan, observamos que as hierarquias de gênero, em muitas pesquisas, surgem como intensamente fecundas na constituição de verdades sobre o sujeito, concorrendo e/ou dando significados particulares aos discursos sobre a sexualidade (RIOS, 2010). Assim, concepções como ativo/passivo e masculino/feminino

aparecem como organizadoras da inteligibilidade das sexualidades, muitas vezes, concebendo como heterossexuais homens que fazem sexo com homens, mas que são ou se dizem ativos/masculinos (RIOS, 2010; RIOS et al; 2010).

Outro sentido produzido pelos sujeitos foi vivenciar o celibato. Este aparece nas narrativas de GLAUCO (36 anos): “(...) Depois dessa época, apesar de continuar sentindo desejos por homens, resolvi ficar no “armário”. Era a única opção no momento. Foi um período de culpa e de não aceitação” e de outros sujeitos de nossa pesquisa como RICARDO (32 anos): “eu sabia que o que eu sentia era errado, então passei algum tempo sem sair com ninguém” e HERALDO (21 anos): “Depois do término de um relacionamento, voltei forte à igreja. Ai ouvi testemunhos de homens que falavam sobre a castidade como alternativa aos homossexuais. Então eu achei que vivendo em castidade e pedindo a Deus por uma cura, eu estaria salvo”

Desta forma, o celibato parece ser uma forma do sujeito em lidar com sua própria confusão moral, afinal, “o caráter de pecado e anormalidade das práticas que realizavam já haviam sido introjetadas pelas práticas regressivas dos pais, professores, etc.” (RIOS, 2003, p. 224).

RICARDO conta que sua primeira experiência homoerótica ocorreu numa ocasião em que um amigo convidou-o para ir a uma boate:

“Não gostava de ir para “esses ambientes”, mas acabei indo com um amigo. Fiquei meio tímido no começo, mas depois esse amigo foi me apresentando às pessoas. E foi assim que conheci uma pessoa e tive minha primeira relação sexual com um homem. (...) rolou uma química e aí aconteceu. Foi uma experiência muito intensa. Depois disso, passei a frequentar ambientes LGBT e a conhecer pessoas lá. Na época da minha adolescência, há uns 15 anos atrás mais ou menos, era muito mais complicado o acesso a ambientes LGBT. Eles eram muito associados à perversão e promiscuidade. Ficava preocupado, não tinha coragem de ir, mas depois que meu amigo me levou lá, vi que apesar de ter mesmo algumas pessoas assim, tinha muita gente legal. Mas não sou muito de baladas. (...) Primeiro tenho que conhecer bem a pessoa, para poder ter relações sexuais”.

Como vimos anteriormente, Ricardo tinha dificuldades em vivenciar seu desejo homoerótico, inicialmente saindo apenas com mulheres. Porém, após ser conduzido por um amigo a um ambiente LGBT e conhecer melhor as pessoas que o frequentavam, pode vivenciar sua primeira experiência com homens.

Neste sentido, o ambiente LGBT parece ser um espaço “seguro” para a vivência dos desejos, tornando-se locais estratégicos para homossociabilidade. Sobre esses ambientes, Rios (2010) destaca que estudos históricos e etnográficos realizados em diversos contextos socioculturais, apontam para os modos como as pessoas com práticas homossexuais se organizam para enfrentarem os estigmas direcionados a estes. “Surge uma profusão de lugares

de homossociabilidade, ainda que dispersos entre a hegemonia heterossexual, e muitas vezes se imbricando com chamadas “regiões morais”, onde, imaginariamente, se ajuntam marginalizados de todos os naipes” (RIOS, 2010, p. 4).

Nesta perspectiva, os ambientes LGBT se constituem como espaços que propiciam a construção de uma auto-imagem positiva dos sujeitos, pois estes possibilitam a interação deles com sujeitos tidos como “semelhantes”.

Outra análise da narrativa de RICARDO (32 anos) sobre os ambientes LGBT pode implicar no lugar do marcador idade na experiência dos sujeitos. RICARDO alega que frequentar estes locais de socialização, há 15 ou 20 anos atrás era estigmatizante. Por isso ele havia evitado ir sozinho, passando a frequentá-lo apenas depois de muita insistência do amigo. Este aspecto também esteve presente nas falas de HÉLIO (31 anos): “A primeira vez que fui para uma boate, eu já tinha 21 anos. Estava morrendo de medo que alguém próximo, um vizinho, me visse naquele ambiente”; e na de CLÁUDIO (53 anos): “Tinha medo de ir pra lugares LGBT. Foi um amigo que me deu o caminho da luz, me apresentando os lugares”. Porém, a dificuldade também pode está relacionada à maturidade e até mesmo a forma como cada sujeito vivenciava sua homossexualidade.

Uma questão que aparece de forma recorrente nas falas dos sujeitos, remete à situações de abuso vivenciadas por estes, na infância: “Quando criança, com mais ou menos 7 anos, tinha um amigo de meu irmão que tentava “fazer as coisas comigo”.

Cheguei a fazer sexo oral com ele”. (CLÁUDIO, 53 anos). “Tinha uns primos meus. Eles eram mais velhos. Nas brincadeiras rolava umas pegadas, uns carinhos e até sexo oral” (HÉLIO, 31 anos).

Destacamos ainda o relato de SIDNEY (43 anos):

Eu frequentava a casa de um vizinho que tinha melhores condições financeiras que minha família. Ele tinha, acho que 18 anos, porque ele servia o exercito já. Eu tinha uns 7 anos. Na casa dele, eu lembro, tinha um autorama, sabe aquela pista enorme com carros em miniatura? Tinha muitos carros bonitos. Toda a vizinhança ia pra casa dele. Tinha lanche, doces sabe? Eu já percebia que ele levava umas crianças lá pra dentro de vez em quando e eles demoravam lá sozinhos. Até que um dia o vizinho me levou para cama e desde então eu passei a ter relações com ele. Quase todos os dias eu ia lá pra casa dele.

A partir dos relatos acima, observamos que as situações de abuso descritas, ocorreram entre os sujeitos de nossa pesquisa que se autodenominavam “pintosos”. Esta possível associação pode apontar para questões que tangem às relações hierárquicas de gênero, pois o abuso sexual envolve uma relação interpessoal hierárquica de poder (ANTONI; KOLLER, 2002). Neste sentido, atentamos para seguinte questão: o abuso sexual na infância ocorre para

os dois sexos, mas a maior incidência ocorre no sexo feminino (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Assim, uma vez que ser “pintoso” está associado à atributos femininos, é possível que esta característica esteja relacionada à maior frequência de abusos sexuais entre estes, quando comparados aos meninos que não apresentam características consideradas femininas.

Destacamos que a associação acima verificada, precisa ser melhor investigada, uma vez que a presente pesquisa não consegue abarcar os múltiplos fatores que podem envolvê-la. Ademais, ultrapassando a suposta relação problematizada acima, não podemos esquecer que as situações de abuso relatadas não podem ser deixadas de lado, uma vez que ferem o Estatuto da Criança e do adolescente (BRASIL, 1990) e exigem respostas apropriadas a estas.

Outro aspecto relevante que percebemos na fala de SIDNEY refere-se à diferença econômica entre ele e o vizinho.

Sobre esse aspecto, retomando a questão dos padrões de relacionamento homoeróticos observados por Rios (2003), uma possível explicação para o estabelecimento destas parcerias estaria, em um nível tanto discursivo quanto prático, relacionado a um valor econômico, onde os sujeitos poderiam ter acesso a bens de consumo que suas condições financeiras não permitiriam ter.

## 2.2 Assumir-se: a problemática do armário

Sobre a questão de “assumir-se” ou não e para quem, os sujeitos da pesquisa relataram:

“Moro com minha mãe e minha irmã. Tem um bom relacionamento com elas apesar de não conversar muito com minha irmã. Já falei abertamente com minha mãe sobre minha orientação sexual e graças a Deus, tive muito apoio. E te digo que esse apoio foi muito importante para mim. Meu pai não sabe, mas deve saber. Meus parentes que moram aqui perto, com certeza já devem ter falado. Eu sou bem pintoso, não tem como esconder e nem sei se quero. (...) Eu não tenho mesmo uma relação próxima com meu pai, mas queria que ele soubesse da minha orientação sexual” (ANDERSON).

“Moro com minha mãe. Ela tem 65 anos. Ai você já tira né? Não posso falar a respeito da homossexualidade com ela. Meu pai morreu, mas antes de morrer também não falei a respeito. Mas, como dizem, minha mãe deve saber, ela não é doida. Estou todos os finais de semana e feriados com meu companheiro. Ela até diz: “você passa mais tempo com esse seu amigo do que em casa!”“. Minha irmã também mora com minha mãe. Ela também é homossexual, mas não conversamos sobre isso. Em geral, tenho uma boa relação com minha família. Considero minha família: minha mãe, minha irmã, minha avó materna e minhas tias maternas. Nunca falei sobre minha orientação com nenhuma delas” (RICARDO).

“Minha mãe nunca escutou da minha boca que sou homossexual, mas sabe! Como disse, tive um relacionamento que durou muitos anos e que ele faleceu. Durante o período em que ele estava lutando contra o câncer, minha mãe chegou e deu uma palavra. Isso foi muito importante para mim. Ela me falou que sabia o que eu estava passando, porque também tinha perdido meu pai. Eu posso está errado, mas eu

entendi isso como se ela entendesse que eu e ela estávamos passando por situações semelhantes, a perda de nosso companheiro. Minha mãe sempre me liga pra saber como estou. Apesar de que, eu moro num apartamento e ela raríssimas vezes veio me visitar. (...) Olha, sobre minha homossexualidade, eu cheguei a conversar com uma de minhas irmãs. Eu tenho 3 irmãs. Foi com a mais nova. Eu estava no fundo do poço com a morte do meu companheiro e precisava de um apoio, de colo. Então cheguei a falar pra essa minha irmã que aquele amigo que eu estava perdendo, era meu companheiro. Eu precisava que ela entendesse minha dor. Apesar de ter muito conforto com meus amigos, precisava de um carinho da família, sabe? (...) Antes de meu pai cair doente, eu não era muito próximo dele, eu tinha uma relação de respeito mais não era próximo. Acho que ele desconfiava de minha orientação homossexual porque eu passava finais de semana fora com meu companheiro. (...) Antes de meu pai morrer, eu fui visita-lo e ele me abraçou como se estivesse se despedindo, ele não era de fazer isso. Foi bom ter me aproximado dele desse jeito. Ele era assim, difícil de demonstrar as emoções, mas era uma boa pessoa” (**HÉLIO**).

Minha mãe não sabe sobre minha orientação sexual, pelo menos por minha boca. Mas quando ela chega na nossa casa, minha e de meu companheiro, ela ver fotos dele comigo, então deve desconfiar. Todo mundo fala que quem mais sabe é ela. (**RISOS**). Afinal, faz mais de 40 anos que ela nunca me vê com uma namorada. Mas eu a preservo dessa confissão. Ela já tem mais de 70 anos, não precisa passar por isso. Meu irmão mais novo também é homossexual. Engraçado é que ele falou pra minha mãe que era homossexual e eu fiquei muito chateado com isso, até porque na época, eu também não me aceitava. Hoje eu respeito a decisão de meu irmão em contar, mas não acho necessário que eu também conte sobre mim. (...) Não era muito próximo ao meu pai. Ele morreu há 9 anos. Perto da morte dele, nós nos aproximamos muito, mas não conversamos sobre minha homossexualidade (**IVAN**).

Meu pai faleceu faz três meses. Antes eu era o filho predileto. Tudo ele me consultava antes, mas de uns anos para cá, nós não estávamos tão próximo. Acredito que deve ter sido por causa da minha sobrinha. Depois que ela nasceu e minha irmã veio morar com a gente, ele começou a focar toda a sua atenção para ela. Ele não sabia sobre minha homossexualidade. Aliás, não falo sobre minha orientação com minha família. Minha mãe morreu há 6 anos, mas como já disse, também nunca falei com ela sobre minha homossexualidade (**SIDNEY**).

Todos da minha família sabem sobre minha orientação sexual e respeitam, mas nunca falei diretamente para ninguém. Mas como passei quase 10 anos com a mesma pessoa, eu entendo que não tem como eles não saberem, mesmo que na época eu o apresentasse como amigo. (...) No meu trabalho ninguém sabe sobre minha orientação sexual. Não posso contar, até porque ninguém me respeitaria. Trabalho com policiais, preciso impor respeito. Uma vez chegou um rapaz novato na área que era homossexual. Ele era bem pintoso, sabe? E todo mundo caiu em cima! (**CLÁUDIO**).

Sou filho único. Tenho um ótimo relacionamento com minha mãe, inclusive ela sabe sobre minha orientação sexual. Antes eu tinha muito receio de contar pra ela, tinha medo que ela ficasse deprimida. Minha mãe é muito forte para umas coisas, mas como é muito sensível, eu acho ela também muito frágil. Mas eu consegui falar e foi bem emocionante. Foi na época que estava com meus ex. Ela tinha conhecido ele e tal, mas tinha apresentado como amigo. Aí no dia das mães, eu fui visita-la no interior. Eu fiz uma tatuagem para ela e ela gostou muito. Ai aproveitei para falar que não era uma tatuagem que mudaria quem eu sou e ela disse que não tinha preconceitos que inclusive o filho da amiga dela era homossexual e ela disse que não tinha preconceitos. Foi a deixa que eu precisava, aproveitei o momento e disse para ela: “aquele amigo que te apresentei, ele na verdade é meu companheiro”. Repeti que isso não mudaria em nada o que eu sou. Eu chorei muito. Disse pra ela que se eu

pudesse escolher não seria homossexual, mas que era muito forte. Ela me abraçou e disse que já sabia. Depois ela ficou conversando comigo. Disse para eu fazer sexo com proteção, que não precisaria mudar quem eu sou e que não era preciso eu me expor. Ela também me aconselhou a não focar só naquele relacionamento, porque eu tinha muito tempo pela frente. Minha família é muito unida, amorosa. Estou cercado de cuidados e afetividade (HERALDO).

Todos sabem sobre minha orientação, até porque estou num relacionamento há 9 anos. Minha família é grande e nos relacionamos bem. Eles tiveram um choque momentâneo quando souberam sobre minha orientação sexual, mas depois tudo voltou ao normal. Meu pai também sabe, mas apesar de não aceitar minha orientação, nós nos damos bem. Ele não mora com minha mãe, se separaram faz tempo. Eu moro com minha mãe e duas irmãs. Mas tenho toda liberdade em casa, inclusive recebo amigos gays lá e minha mãe respeita bastante (GLAUCO).

Percebemos nas narrativas acima que a maior parte dos sujeitos de nossa pesquisa, apesar de afirmarem que não são “assumidos” para sua família, vivenciaram ou ainda vivenciam uma parceria conjugal fixa; o que implica em “assumir-se”. Desta forma, compreendemos que eles associam “assumir” a revelar e/ou confessar, assim, eles afirmam que apesar de seus familiares possivelmente saberem sobre sua orientação sexual, eles não “sabem por sua própria boca”.

Eles parecem necessitar “preservar” as figuras familiares, que na nossa pesquisa, são principalmente suas mães, de saberem sobre sua orientação sexual. Eles acreditam que elas não possam suportar que seu filho seja homossexual; consideram-nas frábil demais para encarar a realidade. Esse fato pode está relacionado ao reconhecimento, por parte dos sujeitos da pesquisa, sobre os estigmas que os cercam, e assim, estes receiam que suas mães sofram por eles. E mesmo acreditando que elas já sabem sobre sua orientação, o fato de não serem eles que falaram, parece ser menos doloroso.

Nesta perspectiva, Kern e Silva (2009) assinalam que:

Receber a notícia de que uma pessoa que se conhece seja homossexual suscita sentimentos de pesar, porque não se deseja isto a esta pessoa, mas também porque não desejamos a nós próprios. Sentimo-nos invadidos não por aquilo que a identidade homossexual provoca, mas por aquilo que as pessoas possam pensar e por todos os confrontos com os quais ela irá se deparar. O medo do sentimento de exclusão, do desprezo social, da necessidade de assegurar duas identidades por 24 horas torna-se causador de pânico não desejável para ninguém (p. 511-512).

Mesmo entre aqueles que se dizem assumidos, estes não o são em todas as esfera de sua vida em sociedade. Eles reconhecem o alto ônus pessoal que teriam que pagar em “assumir-se”, principalmente em suas relações de trabalho. Como discorre a autora Sedgwick (2007):

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas

gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (...) No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Nesta perspectiva, Glauco afirma: “Permaneço no armário” para algumas pessoas. Como sou uma figura pública, preciso deixar minha sexualidade em anonimato para certas pessoas. O preconceito ainda é grande. Imagine eu chefiar um grupo tão grande como eu chefiar e o pessoal descobrir sobre minha orientação sexual? Eles não vão mais me respeitar. Infelizmente, é a realidade! Eu não tenho problema nenhum em me assumir, mas você entende que é de bom senso ficar no ‘armário’ nestas situações?”.

Neste sentido, o “armário” gay passa a ser fundamental na vida social destes sujeitos, pois “há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Outra questão significativa percebida nas narrativas sobre o “assumir-se”, é o papel da família e dos amigos no processo de autoaceitação. Todos os entrevistados falam com bastante ternura sobre sua família e reconhecem a importância do apoio desta. A figura da mãe aparece com mais frequência do que a do pai, neste processo. Os sujeitos, em sua maioria, descreveram a relação com seus pais, como distante, embora, na narrativa, por exemplo, de IVAN e de HÉLIO, verificamos momentos de aproximação.

Na narrativa de HÉLIO também podemos observar a necessidade de ser aceito e acolhido pela família, como quando sua mãe reconheceu sua dor diante do luto e quando ele precisou “assumir-se” para sua irmã. Neste sentido, Natividade e Oliveira (2008) destacam:

O estigma associado às práticas homossexuais, que pode ser ocultado por mecanismos de controle da informação sobre si, não é compartilhado com o grupo familiar de origem, como certos estigmas associados a raça e religião (Pecheny, 2004). Esse fato possibilita que a homossexualidade se torne um segredo fundante de identidades e relações pessoais, dando origem a tipos particulares de interação e conflito e sedimentando laços entre aqueles que o compartilham. Esse modo de constituição da identidade pode fazer com que o homossexual perceba sua intimidade, sua “vida verdadeira”, como situada nessa esfera de relações ‘eletivas’ e regida pelo silêncio e pelo segredo, por oposição a relações caracterizadas pela convenção e coerção (Pollak, 1990, p. 29-30). (NATIVIDADE; OLIVEIRA, p. 147)

Nesta perspectiva, os amigos também ocupam um lugar importante na aceitação dos sujeitos homossexuais, uma vez que compartilham de “sua vida verdadeira”. Isso pode ser verificado nas falas de IVAN: “Conviver com amigos que com a mesma orientação sexual, ajudou no caminho para minha autoaceitação.

Percebi que ser homossexual não é tão diferente de ser hétero, pois meus amigos trabalhavam, estudavam, pagavam impostos”; de CLÁUDIO: “Meus amigos foram muito importantes na minha socialização. Eu tinha medo de ir pra lugares LGBT e foi um amigo em particular, que deu o caminho da luz, me apresentou os locais”, HERALDO: “Meus amigos foram muito importantes para minha aceitação. No início tinha medo de falar pra eles sobre minha orientação, mas quando consegui falar, eles super me aceitaram e eu pude apresentar meu namorado pra eles. Isso foi muito reconfortante”.

### 2.3 Situações de estigmas vivenciadas pelos sujeitos

Ao serem questionados sobre possíveis situações de estigma vivenciados por eles, tivemos como respostas:

“Não é fácil ser homossexual. Sofro muito preconceito, principalmente porque sou pintoso, né? Uma vez estava no trem e vi que tinha uma jovem sentada no lugar reservado para idoso e tinha uma idosa com o braço quebrado em pé, então eu reclamei com a jovem e disse para ela dá o lugar para a idosa. Um rapaz que vende pipocas, sem saber nem do que se tratava, começou a me xingar: “O que esse fresco safado tá falando? Pare de incomodar a moçar, seu gay nojentão!” Eu ainda bati boca com ele, mas sei que não teria passado por isso, se não fosse homossexual” (ANDERSON).

“Não tenho jeito tão afeminado. Acho que isso é o que choca mais as pessoas. Por isso, nunca passei por um conflito envolvendo preconceito direto. Mesmo assim, às vezes dou um pouco de pinta, não tem como evitar. Por isso, na escola, algumas vezes, já tiraram sarro disso. Sei que as pessoas são muito preconceituosas. Prefiro ficar no anonimato” (RICARDO).

“Quando falei com minha irmã sobre minha homossexualidade, ela falou que gostava de mim do mesmo jeito apesar de achar aquilo errado, no sentido religioso. Ela perguntou se meu companheiro tinha morrido mesmo de câncer e não de Aids. Sabe aquele velho preconceito de que todo gay tem, ou vai ter AIDS? A sociedade ainda é muito preconceituosa! (...) Na empresa, de vez em quando escuto gracinhas. Quando frequentava ambientes LGBT, alguns vizinhos me chantageavam, mas depois entendi que se fosse dito algo sobre mim, estaria expondo a eles também”. (HÉLIO)

“Nunca passei por nenhuma situação de preconceito direto. Eu trabalho, sou independente, pago meus impostos. Meu pai sempre dizia: -,as pessoas só vão te respeitar se você tiver dinheiro!”.

Infelizmente isso é uma verdade! Sei que o preconceito contra os homossexuais ainda é forte aqui no Brasil e no mundo. Mas, graças a Deus, nunca passei por nenhuma situação desrespeito por ser homossexual, até porque eu não sou pintoso e só algumas pessoas sabem da minha orientação. Não preciso dizer para todo mundo para ser „assumido“!” (IVAN).

“Nunca sofri nenhuma forma de preconceito por ser gay não. Mas também nunca precisei abrir a boca e dizer: sou gay. Isso não diz respeito a ninguém. Como você

ver, eu sou pintoso, então dá pra desconfiar só de ver e falar. Mas nunca dei o direito a ninguém me perguntar. Tenho muitos amigos casados e as esposas deles não gostam de mim, têm preconceito, acham que vou apresentar mulheres para eles” (SIDNEY).

“Sofria preconceito até de meus irmãos mais velhos, porque quando era criança, até meus 10, 11 anos, eu era muito pintoso. Tinha voz fina, era muito delicado. Então meus irmãos não falavam comigo na escola, em público. Tinha vergonha. Isso me deixava muito triste! Não gostava de ser assim porque sabia que sofreria preconceito pelo resto de minha vida” (CLÁUDIO).

“Os homossexuais são mal interpretados e julgados. Acham que todos são de banheiro público, que é só chegar junto e transar!. Que são fáceis e que qualquer pessoa pode levar pra transar. Eu não concordo com isso, mas admito que passei por uma fase de autocondenação. Eu tinha uma amiga que era homossexual e nessa fase de auto-negação, eu me encontrei com ela e fingi que não a vi. Achava que ela era impura e que eu não deveria abraça-la, como antes eu fazia e faço com todos os meus amigos. Eu a julguei como impura, porque era assim que me sentia na época” (HERALDO).

“Nunca vivenciei situações diretas de preconceitos. Agora que é bem mais fácil ser igual a todo mundo é! Sentia-me, muitas vezes mal por ser diferente. Como disse, sempre que tinha relacionamento com homens, mostrava para a sociedade uma namorada. Esse foi um período difícil, eu não me aceitava. Ficava tentando racionalizar que era héteros, mas que gostava de algumas práticas diferentes. Sei que tudo isso era porque sabia que enfrentar o preconceito por ser homossexual é muito doloroso” (GLAUCO).

Percebemos nas falas acima, que a metade dos sujeitos afirmam não terem sofrido situações diretas de preconceito por serem homossexuais. Aparentemente, eles têm necessidade de negar a situação de discriminação, ainda que a afirme ao mesmo tempo. Eles são conscientes das dificuldades enfrentadas pelos homossexuais no que se refere à aceitação social, como podemos observar na frase de Anderson: “Não é fácil ser homossexual. Sofro muito preconceito, principalmente porque sou pintoso, né?”

Nesta perspectiva Natividade e Oliveira (2008, p. 147) apontam:

Constituir-se como uma pessoa LGBT envolve uma percepção de si como diferente, um processo de auto-estranhamento em torno do gênero e/ou da sexualidade, que corre paralelo às experiências sociais contingentes que dão suporte a esse auto-estranhamento.

Por isso, a maioria deles, permanecem no “armário” para boa parte da sociedade. Ou seja, num contexto segregador, discriminatório e estigmatizante, os segredos aparecem como alternativa, como proteção. Quanto aos segredos, Joan Laird postula:

Os segredos têm sido vistos como conspiratórios, em geral surgindo e sendo reforçados por experiências que amparam respostas tais como vergonha, culpa, humilhação e medo. São vistos como ligando a família e particularmente os membros que manifestam sintomas, de modos rígidos e disfuncionais, como

mantendo paradoxos e determinados interesses de poder, restringindo a informação, e cortando o acesso a um conhecimento e mudança necessária (1994, p.246).

Outro aspecto levantado nas narrativas dos sujeitos sobre o estigma é o fato de ser ou não ser “pintoso”, onde este parece está relacionado diretamente a ser ou não ser aceito pela sociedade. Percebemos nas falas dos sujeitos que se autodenominavam “pintosos” que esta característica reforça as situações de estigma, uma vez que é a marcação de gênero que denuncia a homossexualidade. Esta marca é facilmente percebida pela maioria das pessoas e por isso é usada como referencial para coloca-la numa situação de desigualdade social.

Vimos também que alguns dos sujeitos da pesquisa, no processo de autoaceitação, relataram que tinham preconceitos com os homossexuais, e que não se identificavam como tal. Assim, compreendemos que os sujeitos frente ao estigma e com base nele, “constroem menos uma identidade e mais posições de sujeito- posições que, muitas vezes, podem se desdobrar até a estabilização requerida para ser percebida enquanto uma identidade social” (RIOS, 2008, p. 472).

Neste sentido, estes múltiplos processos de identificação são responsáveis pelas identidades individuais dos sujeitos, onde estas serão:

Sempre pontos de sutura cambiantes, momentâneos e contextuais, ainda que, quando os sujeitos utilizam-se da narração para configurá-la, elas se apresentem com um efeito integrador e estabilizante (e de verdade) (RIOS, 2008, p. 472).

Chamo atenção para dispositivos que com seus discursos, acabam contribuindo no processo de estigmatização aos homossexuais, sendo um deles, a religião. Neste sentido, uma vez que os sujeitos da pesquisa são cristãos, os processos de identificação e de aceitação são intensamente influenciados por estes discursos.

## 2.4 Conjugalidade e regulação da sexualidade

Relatos sobre a importância de um projeto de conjugalidade, mesmo não constando no roteiro das entrevistas, surgem espontaneamente nas falas dos sujeitos da pesquisa. Verificamos também em suas falas, planos associados a um projeto de paternidade.

“Não estou com companheiro no momento, nem estou à procura. Não estou desesperado! Se tiver de acontecer, acontece. (...) mas sou contra a promiscuidade. Sei que muitos colegas são assim. Saem com o primeiro que aparece. Mas não quero isso para mim. Pretendo encontrar um namorado certo pra realmente ter um compromisso. É como minha mãe sempre diz: - „Não é porque é homossexual que vai sair por ai pegando todos que vem pela frente“. Tem que ter respeito. Quero um companheiro e não apenas transas passageiras”. (ANDERSON, 18 anos)

“Valorizo bastante a conjugalidade. Sempre fui uma pessoa seletiva. Não me focava em atributos físicos apenas. Estou há mais de 8 anos com o mesmo companheiro e não vejo necessidade de traí-lo. Sexo é algo natural num relacionamento, mas em minha opinião, não pode ser só carne, é preciso ter afeto, respeito. Tem que ter um domínio sobre esse negócio de „carne“. Não tenho necessidade de está o tempo todo transando, como disse, meu relacionamento é mais do que isso. Além disso, prezo por relacionamentos estáveis. Isso é muito importante. Sou uma pessoa bem família. Gosto de reunir amigos para ver filmes, comendo pipoca. Passo todos os finais de semana e feriado com meu companheiro. Nós nos completamos e não só no lado sexual, mas no carinho e companheirismo. Já chegamos até a discutir sobre a adoção de uma criança, mas na verdade, não tenho paciência com crianças. (...) De fato, não tenho necessidade de sair com outras pessoas”. **(RICARDO, 32 anos)**

“Relacionei-me por muitos anos com uma única pessoa. Não o traía. Mas depois de quase 7 anos de relacionamento, nossa relação entrou em crise e resolvemos abri o relacionamento. Mas aí veio a doença dele. E ele precisava de mim. Cuidei dele até o fim. Sofri muito. Hoje estou com outra pessoa, mas não sei se vai durar, mas garanto que meu objetivo é que dure. Gosto da estabilidade de um casamento. (...) olha, tive uma vontade grande em ser pai no passado. Esta vontade ainda existe, mas eu não quero assumir essa responsabilidade sozinho, e preciso ter uma melhor condição financeira. Acho muito gratificante a relação pai filho e quero que meu filho tenha orgulho de mim. Tenho a necessidade de deixar alguém no mundo, entende?” **(HÉLIO, 31 anos)**.

“De conviver, só tive dois grandes amores. Conheci meu primeiro amor numa época de dúvida sobre minha orientação. Ele era 10 anos mais jovens. Foi muito intenso. Estava fora de Pernambuco e ele chegou a vim pra cá e foi muito bem recebido pelos meus pais. Mas ele teve que voltar para o Sul, onde morava. Ficamos nos relacionando à distância, mas não deu certo. Meu segundo amor, estou com ele já faz 10 anos. Adoro minha vida de casado, gosto de assumir para todos que sou casado **(IVAN, 46 anos)**.

Não quero vínculo no momento. Mas pretendo encontrar uma pessoa certa, que seja um parceiro. É que meus relacionamentos nunca dão certo. Acho que isso acontece porque só gosto de sair com homens mais novos. Tudo acaba do mesmo jeito. Parece uma novela que se repete sempre do mesmo jeito. Quero uma pessoa fixa, mas não quero me casar, quero apenas que a pessoa se mantenha próxima. Tenho dificuldades em me apegar às pessoas. Também, só me decepção!” **(SIDNEY, 43 anos)**.

“Estava com a mesma pessoa por 10 anos até que ele veio a falecer. Faz 11 anos que ele morreu. Passei quase 3 anos para encontrar alguém que quisesse compartilhar sua vida comigo. Pois comigo é assim, é para casar **(RISOS)**. Passei 6 anos com esse último companheiro. Ele era bem mais novo do que eu. Já sabia desde quando comecei que isso um dia iria acabar, mas sabe, quando nos apaixonamos, a razão não significada muita coisa não **(RISOS)**. Rezo pra Deus me mandar um novo companheiro” **(CLÁUDIO, 53 anos)**.

“Terminei com meu último companheiro a pouco tempo. Foi uma pena, nós tínhamos crescido como casal, mas recentemente, eu vi que ele não melhorava em nada do que eu sempre conversava com ele. Ele tinha um pensamento muito diferente do meu. Valorizava coisas diferentes entende? Nós nos gostávamos muito. Nosso relacionamento era muito intenso. Mas ele se recusava a mudar. Não suportava mais. Ainda estou sofrendo com o término. No momento, estou saindo todos os dias, quase. Experimentando novas coisas. Mas é só porque estou sofrendo muito. Não gosto da sensação de acordar junto de alguém que não amo. Quero muito voltar a ter um relacionamento estável” **(HERALDO, 21 anos)**.

“Nunca estive em vários relacionamentos ao mesmo tempo. Tinha um relacionamento por vez. Hoje estou com uma pessoa há 9 anos e ele é um grande parceiro. Ele estava saindo de um relacionamento. Nós eramos amigos, mas depois nos descobrimos apaixonados. Montei um apartamento para ele e assim ele saiu da casa do ex. Ele continua neste apartamento e sempre que posso estou lá com ele. Mas quando não posso, ele vai até minha casa. Moro com minha mãe. Ela não pode morar sozinha porque já é de idade. Ele se dá super bem com minha mãe. Ele cuida dela. E ela confia nele. Acho que minha mãe o aceitou porque percebeu que eu só estava com ele e que nossa relação é de respeito, de carinho e afeto e não só algo carnal” (GLAUCO, 36 anos).

Como mencionado anteriormente, os sujeitos da pesquisa apontam para a necessidade de vivenciar uma conjugalidade convencional, inserida num contexto heteronormativo. Desta forma, a conjugalidade é utilizada como uma estratégia de regulação da sexualidade que permite que esta se compatibilize com a vivência religiosa.

Neste sentido, os homens que fazem sexo com homens que não estão inseridos num contexto religioso parecem não se comportarem da mesma forma que os sujeitos de nossa pesquisa (cf. Rios, 2010). Nesta perspectiva, Simões, França e Macedo (2010), afirmam que os homens que fazem sexo com homens são, muitas vezes, contrapostos à conjugalidade convencional, pois, por disporem de espaços de sociabilidade próprios e em expansão, abrem diversas possibilidades para transgredir barreiras sociais, sendo essas transgressões, segundo os autores, o principal combustível do desejo homoerótico (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010). Este ponto de vista pode ser observado na fala de CLÁUDIO: “o meio homossexual é muito volúvel. Hoje estou mais consciente que nem todos pensam como eu a respeito dos relacionamentos. No início era muito imaturo. O pessoal não quer nada sério”.

Outro aspecto observado foi que os sujeitos da pesquisa atribuem a complexidade de sua relação à natureza dos sentimentos nutridos por ambos (puros), sentimentos estes que se não são considerados opostos, são compreendidos como hierarquicamente superiores aos desejos carnis, os quais, seguindo a lógica cristã, parecem ter sido introjetados, como fraqueza e/ou de natureza “suja”.

A respeito das tensões relativas à oposição entre erotismo e conjugalidade, compreendidos por Simões et al (2010), como particularmente acentuadas no que diz respeito aos relacionamentos homossexuais, temos:

Um ponto de vista sociológico firmemente estabelecido considera que o estigma da homossexualidade faz com que entre os homens, especialmente, o homoerotismo, se mantenha descolado da afetividade, dando lugar a relacionamentos múltiplos e fugazes, segundo uma linguagem de olhares e gestos, com pouca conversa e muita ação (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 44).

Assim, os sujeitos da pesquisa prezam pelo afeto em oposição ao desejo da carne, o qual segundo eles deve ser controlado, como podemos ver na fala de RICARDO:

“Sexo é algo natural num relacionamento, mas em minha opinião, não pode ser só carne, é preciso ter afeto, respeito. Tem que ter um domínio sobre esse negócio de “carne”. Não tenho necessidade de está o tempo todo transando, como disse, meu relacionamento é mais do que isso”.

A vivência do desejo homossexual ocorreu de forma intensa pra HERALDO. Ele experienciou um turbilhão de sentimentos que se ampliavam devido ao conflito entre seus desejos e os dogmas de sua religião. Porém, Heraldo conta que tudo mudou quando ele conheceu o rapaz com o qual ele se relacionou até bem recentemente:

“No início da relação, ainda me sentia culpado. Mas, com o passar do tempo, fui me envolvendo tanto, que não considerava aquilo como um pecado. Nossa relação foi bastante intensa. No começo até me afastei de meus amigos héteros, mas a coisa ficou tão séria entre nós, que acabei contando para eles. Apresentando ele para meus amigos, para minha mãe e até a Deus, mas infelizmente não deu certo. Estou sofrendo com o término, mas, como disse antes, estava brigando muito com ele. Era muito desgastante. E o pior é que para esquecê-lo estou saindo muito, não passo mais de 3 dias sem fazer sexo com alguém. Quando começo a sofrer, saio com alguém. O bom é que conheço novas pessoas, é a parte legal de tudo isso, estou tendo oportunidade de fazer coisas que antes não fazia e que tinha curiosidade de fazer, como sexo à três. Mas não dá pra ficar assim. Atualmente só estou saindo com homens, mas nada me impede de me relacionar com mulheres. Não considero isso como safadeza é apenas desejo. Eu me considero ativo e passivo. Isso também eu descobri no meu último relacionamento, antes me dizia só ativo. Acho lindo o sexo, o prazer, o orgasmo, os olhares, mas é muito melhor com amor, pois quando isso não existe quando acaba, é vazio. Não é tão legal”. (HERALDO).

Para Glauco “quando você começa a se conhecer, começa a se respeitar e aceitar os desejos e seu corpo, e aí as coisas vão mudando”. Nesta perspectiva, HÉLIO, afirma que:

“O desejo, o amor, independe da orientação sexual. Pra mim, o que importa é o amor, o respeito, o afeto. Hoje estou com uma pessoa que conheci depois do meu último parceiro falecer. (...) Apesar de existir uma boa química entre nós, a relação está meio que esfriando. No começo era bem intenso. Fazíamos joguinhos sexuais e isso era bem excitante, mas agora tudo está devagar demais. Quando era casado, não tive experiências como essas, apesar de que no final do casamento, antes da doença, nós conversamos sobre abrir o casamento”. (HÉLIO, 31 anos)

Em discursos anteriores, verificamos que alguns sujeitos da pesquisa apresentam dificuldades em vivenciar os desejos da “carne”, em contrapartida, vimos que Hélio compreende que não necessariamente o amor está desvinculado ao desejo.

Assim, ele vivencia seu desejo sem culpa, pois compreende que o importante é que este seja experienciado de forma plena.

Nesta perspectiva, Petchesky (1999 apud Rios, 2003), considera que o (homo) erotismo, “tanto como construções socioculturais, quanto como bens afirmativos” representam

“o direito universal de usufruir plenamente do próprio corpo e dos prazeres que este pode oferecer” (p. 230).

## 2.5 O drama da homossexualidade

Observamos, neste capítulo, como os sujeitos da pesquisa, ao longo do tempo, foram dando sentido a suas experiências. Percebemos em suas narrativas um processo de elaboração semelhante ao Modelo de drama social proposto por Victor Turner (2005), onde verificamos 4 momentos: a ruptura, a crise e a intensificação da crise; a ação reparadora e por fim, o desfecho. Sobre esse processo, DAWSEY (2005) comenta:

Essas experiências que interrompem o comportamento rotinizado e repetitivo – do qual elas irrompem –, iniciam-se com choques de dor ou prazer. Tais choques são evocativos: eles invocam precedentes e semelhanças de um passado consciente ou inconsciente – porque o incomum tem suas tradições, assim como o comum. Então, as emoções de experiências passadas dão cor às imagens e esboços revividos pelo choque no presente. Em seguida ocorre uma necessidade ansiosa de encontrar significado naquilo que se apresentou de modo desconcertante, seja através da dor ou do prazer, e que converteu a mera experiência em uma experiência. Tudo isso acontece quando tentamos juntar passado e presente. (p. 179).

Neste sentido, fazendo uma análise a partir do modelo proposto por Turner (2005), verificamos que os momentos descritos por ele não se deram da mesma forma ou sequência em todos os sujeitos, e alguns ainda não chegaram a um desfecho. Verificamos que a ruptura ocorreu, para maioria dos sujeitos, ainda na infância. Ou seja, nesta ocasião, eles já se percebiam diferentes e se sentiam culpado, afinal, o caráter de pecado destas relações já haviam sido introjetadas pelo sujeito desde muito cedo. Assim, iniciava-se a crise que foi intensificada à medida que estes se percebiam se desviando da heteronormatividade.

No processo de intensificação da crise, percebemos o poder do dispositivo religioso na subjetivação dos sujeitos, que será aprofundado no próximo capítulo. Estes entendiam que seus desejos deviam ser repudiados, assim, criaram estratégias (inconscientes) para lidar com eles. Alguns sujeitos optaram pelo celibato, outros ficaram no “armário”, alguns tinham um relacionamento heterossexual para poder mostrar à sociedade, enquanto vivenciavam “clandestinamente” sua orientação.

Mas, à medida que a crise se intensificava, os sujeitos precisavam criar novas estratégias (inconscientes) que, de alguma forma, “reparassem” a situação que levou à ruptura (o desejo homoerótico). Neste sentido, eles perceberam que para vivenciarem seu desejo, deveriam estabelecer com seus parceiros uma relação de conjugalidade baseada nos princípios heteronormativos.

Nesta perspectiva, apesar da maioria dos sujeitos não se “assumirem”, ou seja, não revelarem a seus familiares sobre sua orientação sexual; ao estabelecerem uma relação conjugal, estes esperavam que seus familiares, de algum modo, aceitassem sua homossexualidade, e os ajudassem no processo de dar sentido ao seu universo.

Desta forma, observamos que, mesmo os sujeitos que afirmaram não terem “assumido” sua homossexualidade para sua família, acreditavam que estes sabiam sobre sua orientação e destacavam que convivam bem com sua família. Nesta perspectiva, DAWSEY (2005) destaca que o indivíduo apresenta dificuldades de ressignificar universos sociais e simbólicos, pois “se vêem sozinhos e abandonados diante da responsabilidade de darem sentido as suas vidas” (p. 169).

Portanto, destaco o papel da família e dos amigos no processo de autoaceitação que leva a última fase prevista por Turner, o desfecho.

Como havia mencionado anteriormente, apesar de boa parte dos sujeitos da pesquisa terem conseguido dar um desfecho (Aqui utilizamos desfecho no sentido de que o sujeito conseguiu dar sentido a suas vivências, mas destacamos que o desfecho nunca é definitivo, pois os dramas podem ser reatualizados) ao drama, nem todos eles conseguiram.

Observamos, por exemplo, na narrativa de Ricardo (32 anos), que apesar dele ter utilizado da estratégia da conjugalidade, ainda sente dificuldades em vivenciar seus desejos “carnais”, considerando-os impuros.

Através da análise das narrativas dos sujeitos da pesquisa, observamos que o desfecho do drama pode está relacionado, entre outros fatores, à intensidade da crise que o precede, ou à questões geracionais. Assim, verificamos que a maior parte dos sujeitos que demonstraram ter chegado ao desfecho do drama; já estão com mais de 30 anos. Nesta perspectiva, temos o exemplo de Anderson (18 anos), que diferentemente dos demais sujeitos, parece está ainda no processo de elaboração de estratégias de compensação, ou seja, ele está na fase da ação reparadora; fase esta que precede o desfecho.

No entanto, temos o caso de Heraldo (21 anos), que apesar de bem jovem, parece ter chegado ao desfecho mais cedo. Neste sentido, a resolução do drama de Heraldo, parece está associado à forma intensa que ele experienciou seus momentos de crise, o que pode ter o impulsionado para uma resolução.

Vimos que a trajetória dos sujeitos de nossa pesquisa foi bastante influenciada pela família, pelos amigos e pelos discursos religiosos, ajudando-os a dar sentido as suas vivências. Mas como eles conseguiram chegar a um desfecho, mesmo estando inseridos numa religião que discrimina as homossexualidades?

Neste sentido, o próximo capítulo se ocupará de reconhecer nas falas dos sujeitos, as estratégias e sentidos desenvolvidos por eles para permanecerem numa religião que repudia a vivência do desejo homossexual.

**A TRAJETÓRIA RELIGIOSA DOS SUJEITOS:  
INTERLOCUÇÃO ENTRE RELIGIÃO E DESEJO HOMOERÓTICO**

### Capítulo 3: O SUJEITO SEXUAL RELIGIOSO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, traremos relatos dos sujeitos sobre sua trajetória na comunidade católica, desde sua adesão até o momento da pesquisa. Neste sentido, observaremos: como eles tiveram seu primeiro contato com a religião Católica; como atuaram nesta comunidade; quais seus conhecimentos sobre os dogmas cristãos e por fim, as possíveis situações de estigmas vivenciadas nesta comunidade.

Em seguida, apresentaremos, os relatos dos sujeitos sobre as dificuldades e sofrimentos vivenciados por eles para permanecerem na religião apesar de seus dogmas. Neste sentido, pretende-se analisar a tensão entre a experiência religiosa e a vivência da diversidade sexual, ressaltando o caráter processual da produção de justificativas religiosas.

#### 3.1 Inserção na comunidade Católica

Quando questionados sobre como foi sua inserção na comunidade Católica, os sujeitos da pesquisa responderam:

“Minha mãe frequentava a igreja e me levava desde quando eu era bem pequeno. E aí fui indo, fiz minha primeira Comunhão e depois também fui Crismado” (ANDERSON).

“Desde pequeno ia para a igreja. Minha família inteira se arrumava para ir para a Missa. Nisso fiz primeira Comunhão, Crisma, tudo! Só falta morrer para receber a extrema-unção!” (RICARDO).

“No meu caso, minha família é predominantemente evangélica, então quando era criança eu ia com eles, mas não gostava. Quando tinha mais ou menos 10 anos, pedi para minha mãe para ir para Igreja Católica. Ela não gostou muito não! (RISOS). Mas ela respeitou né?! Assim, eu comecei a frequentar a igreja Católica. Fiz até primeira Comunhão!” (HÉLIO).

“Fui criado num lar cristão. Todos da minha família frequentavam a Missa aos Domingos. Minha mãe se reunia com a família para discutir sobre algumas passagens da Bíblia. Até hoje, nós nos reunimos para isso. É muito legal” (IVAN).

“Frequento a igreja desde criança. Ia com meus pais” (SIDNEY).

“Desde criança já frequentava a igreja católica. Íamos a família toda” (CLÁUDIO).

“Minha mãe me levou para igreja desde bem novinho. Mas foi há 2 anos atrás que resolvi frequentar a igreja por mim mesmo, porque antes era mais por minha mãe” (HERALDO).

“Foram meus pais que me levaram para igreja pela primeira vez. Desde então, eu vou sempre. Temos o costume de ler algumas passagens bíblicas e discutirmos em família. Surgem discussões bem acirradas!” (GLAUCO).

As narrativas acima apontam a relação entre a família e a adesão religiosa. Percebemos que a maioria dos sujeitos da pesquisa foram inseridos na Comunidade Católica, por seus familiares. Vimos também nas citações de IVAN e GLAUCO, o hábito de discutir passagens bíblicas em família. Assim, percebemos a influência da família para a primeira adesão religiosa dos sujeitos.

Neste sentido, Busin (2011) afirma que:

A família é, para diversas tradições religiosas, um *locus* privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos. Como as religiões não dispõem de mecanismos coercitivos, elas instituem uma aliança com a família – fazendo a apologia desta –, que inculca em seus membros, especialmente nos das gerações sucessoras, os valores morais defendidos pelas religiões. (p. 115).

Assim, a aliança entre a religião e a família não ocorre de maneira arbitrária, pois como vimos em Busin (2011): “a principal estratégia utilizada pelo catolicismo para impor seus valores morais para a sociedade pressupõe um forte investimento na família de origem e na manutenção do modelo nuclear de família”. (p. 115)

Vimos na fala de HÉLIO, que apesar dele ter sido socializado numa religião Evangélica, ele resolveu sair desta religião para a Católica. Isso ocorreu porque não se sentia acolhido na Religião de origem. Assim, Hélio foi motivado a conhecer outras Religiões e doutrinas, procurando por uma doutrina com a qual se afinasse. Já na fala de Heraldo, vimos que, inicialmente, ele frequentava a igreja mais por obrigação, porém com um tempo, quando passou a ter mais autonomia em suas escolhas, resolveu frequentar a igreja Católica por si mesmo.

Neste sentido, compartilhamos da concepção proposta por Duarte (2005) e sublinhadas por BUSIN (2008) de que:

O pertencimento religioso estaria mais relacionado a um *Ethos* privado não confessional, ou seja, a pessoa escolhe continuar pertencendo a uma religião de atribuição (em que foi socializada, normalmente a mesma da família de origem) se encontra nela ressonância para seus próprios valores e forma de conduta. Caso não encontre afinidade com a sua maneira de ser, ela escolhe mudar para uma religião em que essa afinidade seja mais possível. (p. 74)

### 3.2 Da atuação na comunidade Católica

Os sujeitos da pesquisa, ao se inserirem ou serem inseridos na Comunidade Católica, se dispuseram a conhecer melhor sua doutrina através dos ensinamentos (Catequese) realizados nos Sacramentos da Primeira Comunhão e Crisma. Participaram ativamente da Comunidade Católica;

“Participei do grupo de jovens da igreja” (Anderson, 18 anos).

“Já fui catequista. Trabalhava com grupos de jovens. Trabalhei até meus 18 anos. Eu era bem atuante. Meu pai já chegou a dizer: - Leva logo a cama para igreja! (...) Participava de Gincanas, de estudos bíblicos. Fazia novenas. Fazia um trabalho de visitar alguns membros da comunidade; Enfim, eu era bem atuante mesmo” (Ricardo, 32 anos).

“Fui seminarista. Estudei a fundo a Bíblia. Participei e atuei na comunidade. Numa dessas atuações, quando ouvi que um dos membros tinha assumido a homossexualidade, perguntei a mim mesmo, o que tínhamos feito de errado para aquele membro ter feito aquilo. Nesta época, eu não me aceitava” (Ivan, 46 anos).

“Participei do Coral da Igreja e das festividades em geral” (Sidney, 43 anos).

“Fui sacristão, ajudava ao padre” (Cláudio, 53 anos).

“Sempre participei das Missas aos domingos. Lembro-me da frase de minha avó: - Domingo sem missa é Domingo sem Deus. Minha família toda participava de todos os eventos que a igreja organizava. Participei do grupo de jovens, da Pastoral da criança, renovação carismática, catequese para crianças. Enfim, eu só vivia dentro da igreja!” (Heraldo, 21 anos).

“Participava de encontros de casais e estudos da bíblia” (Glauco, 36 anos).

Percebemos que, inicialmente, os sujeitos se engajaram profundamente nas atividades da Comunidade Católica a qual eles frequentavam. Observamos, por exemplo, na fala de Ivan, uma forte adesão às doutrinas e moralidades cristãs: “quando ouvi que um dos membros tinha assumido a homossexualidade, perguntei a mim mesmo, o que tínhamos feito de errado para aquele membro ter feito aquilo”.

No entanto, observamos que a adesão desses sujeitos, atualmente, é muito mais frouxa. Neste sentido, a maioria deles, reduziram sua atuação à frequência das Missas Dominicais.

“(…) depois de um tempo passei a me sentir mal com as fofocas do povo. Acabei indo para igreja só aos domingos, pra Missa mesmo” (Anderson, 18 anos).

“(…) Hoje não participo da comunidade como participava antigamente. Não por causa da igreja, mas pelas pessoas que hoje estão inseridas. Sabe, pra evitar certos atritos! Como eu sei quem eu sou, acabei me afastando. (...) Veja, como participei da regência da igreja, quando a paróquia teve uma mudança de gestão, acabou que eu não me adaptei com o estilo dessa nova gestão. A nova gestão era muito diferente da anterior, a anterior permitia que a gente inovasse, opinasse sobre as festividades da igreja, programação. (...) a nova gestão era centrada na figura do padre. Pra você ter uma idéia, o novo padre chegou a dizer que a igreja é ele. (...) Sinto sente falta de está mais próximo das atividades da igreja. Mas acredito que

as mudanças não acontecem se batermos de frente. (...) Então, hoje só vou as Missas mesmo. A das quartas e as dominicais” (Ricardo, 32 anos).

“Hoje, estou meio afastado da comunidade, mas não deixo de assistir a Missa com minha família” (Ivan, 46 anos).

“Hoje ainda participo das procissões e das festividades, principalmente as do meu Santo! (...) Sempre me chamam para participar e eu contribuo e participo das feirinhas com doação de alimentos, etc.” (Sidney, 43 anos).

“Hoje só vou às Missas mesmo” (Cláudio, 53 anos).

“Parei de participar como antes, mas continuo indo às Missas. (...) Em parte parei de participar mais porque eu era muito julgado. Cidade pequena sabe? As pessoas me viam na balada e diziam: você não é da igreja?” (Heraldo, 21 anos).

“Hoje ainda faço esses estudos, só que agora é junto com minha família, não é mais na Igreja. Mas continuo frequentando a igreja. Vou às Missas e tal. (...) Só não dá pra participar tanto, porque me falta tempo” (Glauco, 36 anos).

RICARDO explicou que, o que provocou seu afastamento foi o descontentamento para com as atitudes da administração da igreja, pois ela havia passado por mudanças de Gestão. “Eu até tentei retomar minhas atividades em administrações posteriores, mas não conseguia encontrar mais a mesma abertura que sentia na época que atuava na igreja”. (RICARDO)

Apesar de verificarmos que a adesão dos sujeitos à Comunidade Católica está mais frouxa, eles continuam frequentando as Missas. Desta forma, Duarte (2005) compreende que:

A disposição de *Ethos* abraçada pelos sujeitos sociais é (...), o que os impele – em articulação com outros motivos, de múltipla qualidade social- a uma aproximação a tal ou qual opção confessional, à adoção de uma reserva subjetiva em relação à determinações de sua religião atribuída ou à disposição de viver afastado de qualquer instituição religiosa formal (DUARTE, 2005, p. 139).

Neste sentido, cabe ao individuo realizar negociações entre seus valores e crenças e a doutrina propalada por sua religião de atribuição, de modo a compatibilizar-se com sua experiência religiosa, afinal, como destaca Natividade (2005), a experiência religiosa “é pensada como parte de um processo de construção de si, em conexão com outros domínios da vida social, como: percurso sexual amoroso, história familiar e etapa da vida” (p. 248).

Sobre a questão das negociações e sentidos elaborados pelos sujeitos, destacamos o relato de HERALDO.

Este explica que se afastou das atividades outrora desenvolvidas na comunidade Católica na qual estava inserido porque tinha receio de ser julgado, uma vez que, as pessoas quando o encontravam nas “Baladas”, o questionavam e confrontavam sobre a incompatibilidade entre ser religioso e frequentar lugares considerados por muitos, como

profanos. Sobre esta questão, compreendemos que, apesar de haver certa autonomia na escolha do sujeito por uma determinada religião e de ocorrerem negociações entre os valores e comportamentos que orientam os sujeitos e a religião a qual este está inserido, essas escolhas não são livres de ônus. Duarte (2005) afirma que: “pode ocorrer interpretação pessoal no interior das igrejas, mas (...) sempre há um ônus psicológico a enfrentar na contravenção dos dogmas ou preceitos” (p. 156).

Neste sentido, o afastamento de HERALDO, bem como dos demais sujeitos da pesquisa, podem está relacionado aos sentidos produzidos pelos sujeitos sobre seu comportamento, sentidos estes interpretados como contrários aos dogmas cristãos. Assim, os sujeitos, para não pagarem o ônus psicológico atribuído a sua “contravenção”, utilizam como estratégia se afastar um pouco da igreja, mas sem deixar de pertencer a ela. Assim, eles continuaram comparecendo às Missas e discutindo com seus familiares capítulos da Bíblia.

É importante também destacar que há diversas formas de expressar o “ser católico”, pois, como afirma Steil (2001):

As opções para expressar o „ser católico“ se multiplicaram nestes últimos anos, de modo que suas possibilidades podem variar de formas mais tradicionais às mais político-libertárias ou emocional- carismáticas. Alguns podem ser católicos, centrando sua prática no culto aos santos, outros participando de associações religiosas, outros ainda assumindo compromissos éticos e políticos de caráter libertário. E há também aqueles que se consideram católicos, sem que isto os vinculem a quaisquer compromissos explícitos de ordem religiosa-institucional. (p. 117)

Desta forma, compreendemos que apesar dos sujeitos da pesquisa reduzirem sua atuação na Comunidade à frequência das Missas, isso também é uma forma de expressão de sua religiosidade. Neste sentido, Silva, Paiva e Parker (2013) destacam:

(...) os brasileiros têm grande abertura para negociar com a regulação religiosa dogmática na qual foram socializados ou à qual aderiram, e que suas convicções orientadas pela religião incidem nas decisões no âmbito privado com razoável autonomia. Desde a infância e, especialmente, durante a juventude, cada trajetória biográfica tem de dar conta do pluralismo de discursos oriundos das instituições e redes de pertencimento: família, escola, trabalho, amigos, comunidade religiosa, mídia, redes sociais, programas de saúde. (...) A forma como cada pessoa insere-se nas comunidades religiosas, como vive sua religiosidade, e o modo como constrói sua identidade religiosa no movimento de apropriação dos elementos necessários à satisfação de suas necessidades, assim como no afastamento dos elementos considerados inadequados para sua vida, são processos que a constituem como sujeito religioso. (p. 104)

### 3.3 O conhecimento sobre os Dogmas cristãos

Os sujeitos da pesquisa relataram ter conhecimentos sobre os dogmas cristãos, inclusive no que se refere à questão da homossexualidade. Assim, eles narraram como vivenciaram e vivenciam sua sexualidade frente a estes dogmas:

“Conheço bem a Bíblia e entendo que a homossexualidade é considerada abominação aos olhos do catolicismo. Inicialmente isso me fazia me sentir muito culpado, mas hoje compreendo que apesar dos dogmas, o que importa é a minha relação com Deus. Eu ainda considero que a homossexualidade seja um pecado, mas eu entendo que Deus sabe que sou uma boa pessoa. Tento viver de forma honrada. Quando minha mãe descobriu sobre minha orientação sexual, ela me disse que eu tinha que estudar e ser „alguém” e não me juntar com pessoas de má índole. Para mim, é bem capaz que a condenação dos homossexuais, que a gente vê muitas vezes em livros na Bíblia, tenha sido uma estratégia para diminuir o número da população. Estavam morrendo muito naquela época, por causa das guerras, sabe?” (ANDERSON).

“Conheço bem os dogmas, até porque já foi catequista. A igreja em si diz que a homossexualidade é condenável. É a igreja católica e não a bíblia que condena a homossexualidade. Inclusive acho que algumas passagens da bíblia são usadas para condenar a homossexualidade, mas tem que ver a forma como ela foi traduzida, né? (...) Como a Bíblia foi traduzida pela igreja católica, ela pode traduzir conforme seus interesses. Veja, alguns textos da bíblia parecem "costurados". Parece que está faltando alguma coisa em determinado contexto que ele foi escrito. Então para mim os dogmas foram criados por uma pessoa de grande poder eclesial que dizia que determinada prática não era tão boa. Hoje parece que as coisas estão mudando um pouco, o novo papa. Por exemplo, parece bem mais aberto. (...) O papa Francisco já entende que não pode julgar ninguém. Já é um começo!” (RICARDO).

“Meu conhecimento sobre os dogmas são apenas os que estudei durante o catecismo e a Crisma. Sai da igreja evangélica para a católica porque percebi que a Igreja Católica é mais acolhedora. Ela se preocupa menos em julgar as pessoas. Pra mim, a Igreja católica é uma das mais abertas às questões da homossexualidade. É como digo, o que importa é o que você é!. Eu quando vou à igreja vou buscar minha espiritualidade, não vou pra julgar as pessoas. As pessoas não sabem interpretar a Bíblia. Leem e fazem a interpretação, conforme lhe convém. Inclusive na Bíblia sempre existiu práticas homossexuais” (HÉLIO).

“Eu aceitava muito o que via desde criança: na igreja eu via que a homossexualidade era um pecado! Convivi com a culpa por muito tempo, mas hoje sei que Deus me aceita como eu sou. Para evitar falatórios, não gosto de participar de uma única igreja” (IVAN).

“Só conheço o que estudei na primeira comunhão e Crisma. Sei que eles recriminam a homossexualidade. Pra mim, o que é importante é ter nosso senhor Jesus Cristo em nossas mentes. (...) Deus sempre me responde quando eu peço. Ele responde. Ele mostra. Do jeitinho que eu peço, Ele mostra. Às vezes de modo rude, até eu ver!” (SIDNEY).

“Sei que a igreja recrimina a prática homossexual, inclusive contra alguns padres. Fui coroinha e vi muita coisa! Mas não me sinto culpado não. Esses dogmas não interferem no meu relacionamento com Deus” (CLÁUDIO).

“Quando comecei a sentir desejos homossexuais, já conhecia os dogmas cristãos e entendia que meu corpo deveria ser o templo do espírito santo. Então eu entendia aquele comportamento como errado. (...) Eu assistia palestras e pregações que explicavam que deveria ser evitado ações como: masturbação, sexo antes do casamento, etc. Então eu compreendia que a homossexualidade era um pecado, uma

doença e que eu queria a libertação dela. Eu orava muito e chorava muito por essa libertação. Naquela época eu via o homossexualismo como uma coisa muito grave, um pecado. (...) Após muitas leituras da Bíblia, eu realmente entendia a homossexualidade como um pecado muito grave, que poderia levar a condenação. Eu não queria isso pra minha vida. (...) Hoje eu compreendo que é possível conciliar o amor a Deus e minha prática homossexual, mas foi muito sofrimento!”(HERALDO).

“A igreja diz que aceita os homossexuais, que acolhe e tal, mas na verdade isso não existe. O que existe é um preconceito velado dentro da própria igreja! Mas para mim, o que importa é quem eu sou. Deus conhece meu coração, sabe que sou uma boa pessoa” (GLAUCO).

Observamos no primeiro capítulo que o campo Católico é um espaço fragmentado, composto por grupos com identidades e discursos diversos (OLIVEIRA, 2009). Porém, mesmo com essa diversidade de discursos, verificamos que algumas questões, como a da homossexualidade, ainda parecem ser tratadas de forma bastante estigmatizante.

Nesta perspectiva, observamos que as maiorias dos sujeitos da pesquisa apontaram para o caráter recriminatório da igreja Católica frente à homossexualidade. Estes afirmaram que a homossexualidade é tratada no Catolicismo como: “pecado”, “erro”, “algo muito grave que pode levar a condenação”, “doença”, etc. No entanto HÉLIO considera a igreja Católica mais acolhedora quanto à questão da homossexualidade, do que a Igreja Evangélica (que era sua religião de origem) e RICARDO também percebe alguma melhora neste aspecto, principalmente depois do novo Papa.

Sobre a questão dos discursos cristãos sobre a homossexualidade, Carvalho (2014) pondera:

A relação entre pessoas do mesmo sexo ainda se encontra problematizada no que diz respeito a Doutrina e a interpretação dos dogmas teológicos do cristianismo, apesar de encontrarmos bastante abertura de algumas denominações para o diálogo e a reinterpretção e reformulação destes dogmas. (CARVALHO, 2014, p.61)

Machado et al (2011) identifica 3 posicionamentos diferentes no Cristianismo, à respeito da homossexualidade:

O primeiro, de rechaço total, é encontrado entre aqueles que interpretam a homossexualidade como uma conduta antinatural e pecaminosa. Apesar de associar a conduta homossexual com a perversão, esse grupo tende a defender o acolhimento na Igreja daqueles/ elas que reconhecem a necessidade de mudar de comportamento e pedem ajuda. Uma segunda postura vê a conduta homossexual como aceitável, embora inferior, sugerindo aos incapazes de se ajustar ao estilo de vida heterossexual ou de manter abstinência que canalizem sua atividade sexual em uma relação estável. E a terceira posição, que considera a homossexualidade tão digna como a heterossexualidade, afirmando que o pecado não está na homossexualidade em si, mas na exploração dos parceiros, fenômeno que pode ocorrer também nas relações heterossexuais. (...) Entre os católicos, para além da posição hegemônica de rejeição à homossexualidade sem a exclusão dos homossexuais da comunidade de fiéis, identificam uma posição mais flexível, associada aos “setores progressistas” que defendem o acolhimento daqueles que fogem aos padrões heterossexuais sem a pretensão de alterar a orientação sexual. (MACHADO et al, 2011, p.80)

Mas qual é o discurso oficial da igreja Católica e até que ponto esse discurso influencia na subjetivação dos indivíduos homossexuais?

Para respondermos esta questão, selecionamos algumas passagens da cartilha formulada pela CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, utilizada como fonte nas aulas do Catecismo Católico; que aborda a temática da homossexualidade. Isto porque, os sujeitos entrevistados nesta pesquisa, afirmaram que seus conhecimentos sobre os Dogmas Cristãos foram baseados em suas aulas de Catecismo e Crisma. Assim, temos:

**2357** A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas. Sua gênese psíquica continua amplamente inexplicada. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que "os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados". São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados (CNBB, 2000, p. 610).

**2358** Um número não negligenciável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta inclinação objetivamente desordenada constitui, para a maioria, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição (CNBB, 2000, p. 610-611).

**2359** As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (CNBB, 2000, p. 611).

Estas passagens endossam a percepção negativa dos sujeitos da pesquisa sobre a posição da Igreja Católica à respeito da homossexualidade. No item 2358, fala-se de acolhimento aos homossexuais, mas a homossexualidade é qualificada como provação, que deve ser enfrentada a partir do autodomínio e da castidade (2359). Isto porque, segundo Machado et al (2011):

Se por um lado, a doutrina católica se propõe inclusiva para as minorias sexuais, por outro, é muito taxativa na defesa do tratamento com especialistas e da abstinência sexual para os que não conseguem se aproximar do padrão de comportamento heterossexual (p. 80-81).

No entanto, é importante destacar que, por mais que os discursos da Igreja afirmem uma impropriedade da homossexualidade aos olhos de Deus, eles parecem estar fraturados, ou seja, há espaços de redescritção, como podemos observar por exemplo, nos discursos do Papa Francisco (RIOS et al, 2010).

Percebemos nas narrativas dos sujeitos, que os discursos da Igreja influenciam ou influenciaram para uma percepção negativa de si, levando estes, muitas vezes, a ocultar sua orientação sexual ou de tentar “libertar-se” dela.

Sobre o poder dos discursos religiosos na subjetivação de homens com práticas homossexuais, Natividade (2005) aponta:

Por fim, como efeito de verdade, como controle social de corações e mentes, o resultado desse exercício massivo de poder é a vivência, por parte de homossexuais, de sentimentos de intensa culpa e vergonha, com reiteradas expressões de “tentativas de parar e o desejo de levar uma vida normal”, já que “as práticas homossexuais são relevantes na percepção de si” (...) acaba sendo uma percepção negativa de si. Por isso, as identidades religiosa e homossexual coexistem “por meio do cultivo do segredo, do ocultamento de informações relativas ao exercício da homossexualidade no ambiente religioso” (NATIVIDADE, 2005, p. 256).

Por outro lado, vimos nos discursos dos sujeitos certas negociações com a regulação religiosa dogmática. Em seus relatos observamos afirmações como:

“o que importa é minha relação com Deus”, “Sou uma boa pessoa”, “hoje consigo conciliar o amor e a prática homossexual”. Desta forma, os sujeitos parecem ter criado estratégias para permanecerem na Igreja apesar dos Dogmas contrários a sua orientação sexual. Neste sentido, Duarte (2005) pontua: “O individualismo ético também está presente no crescente subjetivismo que tende a prevalecer nas atitudes religiosas, em todos os domínios confessionais. O importante passa a ser a maneira de ser da pessoa” (p. 155-156). Além disso, podemos pensar a postura individualista dos sujeitos como uma estratégia (inconsciente) defensiva - “mínimo eu”- que permite a sobrevivência psíquica destes (LASCH, 1986).

Outro aspecto relevante trazido nas entrevistas foi a percepção de alguns sujeitos de que deve haver ações compensatórias para que estes possam exercer sua sexualidade, ou seja, eles devem compensar o fato de serem homossexuais com atitudes vistas de forma positiva pela sociedade, como: estudar, trabalhar, ganhar dinheiro, pagar seus impostos, etc.

Boa parte dos entrevistados mencionaram não concordarem com as interpretações bíblicas no que diz respeito à homossexualidade. Vimos em capítulos anteriores que essas interpretações remetem, entre outros aspectos, à relações de poder e aos discursos de “Verdade”. No que diz respeito a questão da interpretação de passagens bíblicas, Busin (2011), reflete:

A questão que se coloca é: por que algumas passagens foram simplesmente deixadas de lado, enquanto outras, ainda que também possam ser consideradas histórica e culturalmente datadas, permanecem sendo amplamente utilizadas, como as que dizem respeito à homossexualidade? A resposta nos parece residir no que já apontamos anteriormente: a questão do exercício do poder. Esse exercício de poder

nos remete novamente a Foucault. Em suas várias discussões sobre o tema, Foucault propõe que o poder é polímorfo e que está presente em todas as relações humanas e em todas as esferas, tanto públicas quanto privadas. Além disso, a centralidade e a importância do discurso no exercício do poder nos darão elementos para aprofundar essa discussão: Estamos submetidos à verdade também no sentido de que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (BUSIN, 2011, p.121).

### 3.4 Situações de estigma dentro da Igreja Católica

Quando perguntados sobre possíveis situações de estigma vivenciadas na Igreja, tivemos como respostas:

**Anderson-** Muitas vezes ouvi comentários ao meu respeito na igreja. Chegou até a me afastar por um tempo. Só voltei a frequentar novamente a igreja por causa da minha mãe, ela insistia o tempo todo para ir com ela às Missas. Ela disse que as pessoas teriam que me respeitar. Como ela já era da igreja a muito tempo, então o pessoal acabou me respeitando mais. Mas, assim, eu nunca sofri diretamente nenhum preconceito. Ninguém nunca veio diretamente me criticar, mas ouvia muitas fofocas sobre mim.

**Ricardo-** Dentro da igreja nunca expus minha orientação sexual, mas sei que algumas pessoas devem ter notado até pelo meu jeito de ser. (...) Se percebi algum olhar mais preconceituoso, foi por parte das pessoas mais antigas, que têm uma grande dificuldade nesta parte. Como falei, tinha um padre, na época que fazia trabalhos na igreja, que abusava do poder. O que ele dizia era lei. Ele era tudo para o povo. Então se o padre dizia que era condenável então essas pessoas antigas aceitavam como a verdade.

**Hélio-** Fui bastante discriminado quando frequentava a igreja evangélica, mas como disse, fui acolhido na Católica. Na igreja evangélica sentia-me julgado. (...) Só não falavam nada na minha frente por consideração a minha família, que era toda evangélica. Hoje frequento a igreja Católica, mas também vou ao Centro espírita.

**Ivan-** Nunca fui diretamente afrontado. As pessoas da igreja têm respeito por mim. Faço grandes contribuições monetárias à Igreja. Mas não sou fiel a uma única igreja. Frequento outras Igrejas Católicas de vez em quando.

**Sidney-** Nunca fui recriminado na igreja. Acho que o que avaliam em mim é o meu caráter. Sou reservado quanto à minha orientação sexual, apesar de todos saberem. Acredito que depende de meu comportamento. Ajudo muito à Igreja. Nunca neguei uma contribuição, quando eles me pediam.

**Cláudio-** Como tinha dito, nunca tive nenhuma situação direta de preconceito, porque não sou assumido. Eles só me veem ali na Igreja e eu sou bastante reservado e discreto.

**Heraldo-** Nunca passei diretamente nenhum preconceito por causa da minha orientação sexual. Os preconceitos eram de mim para mim.

**Glauco-** Não, porque eles não sabem. E eu me preocupo com o preconceito. Não é medo da reação das pessoas, sabe? Mas é que me preocupo com minha família, que também frequenta a Igreja que frequento.

Observamos mais uma vez nas falas dos sujeitos, a questão do ocultamento a respeito de sua homossexualidade como forma de evitar o preconceito e a estigmatização.

Desta forma, sujeitos que apresentam características mais afeminadas, a exemplo de Anderson, Ricardo e Hélio que se auto denominam “pintosos”, o ocultamento torna-se mais difícil e por isso, em seus relatos verificamos maior dificuldade no que se refere a aceitação dos membros da Igreja.

Retomando o conceito de Estigma, este seria uma marca corporal considerada extremamente ameaçadora e ruim, localizada em outrem, afetando sua condição moral (GOFFMAN, 1975). Para tal autor, a partir da percepção de uma “imperfeição”, generalizamos uma série de outras imperfeições inerentes. Desta forma, a pessoa estigmatizada é profundamente desacreditada, pois possui (real ou imaginariamente) atributos ou características que exprimem uma identidade social que é depreciada em contextos particulares (GOFFMAN, 1975).

Neste sentido, percebe-se que quanto mais o sujeito desafia os padrões heteronormativos, mas este parece sofrer estigmatizações e preconceitos. A esse respeito Natividade (2005) menciona uma pesquisa sobre o perfil religioso dos participantes das Paradas de Orgulho LGBT nos anos 2000, a qual demonstrava que “as travestis e as transexuais são mais afetadas pelo preconceito de véis religioso”. Sendo assim, o autor sugere que “a violência atinge muito mais pessoas que desafiam padrões hegemônicos do gênero também no caso da discriminação nas redes religiosas” (NATIVIDADE, 2013, p.37).

Outro aspecto significativo e que já foi mencionado anteriormente nessa pesquisa, é a questão da compensação. Vimos nas falas de alguns sujeitos, que eles contribuíam financeiramente para a Igreja e que são respeitados devido a esse aspecto. Aparentemente os sujeitos compreendem que apesar de serem homossexuais (conduta repudiada pela Igreja), estes devem ser respeitados porque colaboram com o desenvolvimento das atividades eclesiais.

Entre outros fatores, as estigmatizações à homossexualidade, existente dentro da igreja, são responsáveis por alguns fiéis saírem de sua religião de socialização, como vimos no caso de Hélio. Mas uma vez, verificamos que os sujeitos possuem autonomia em

transitar pelo “mercado religioso” e escolher a religião que possua as características que mais os convém. No entanto, é importante considerarmos que:

Esse entranhamento das identidades pessoas em ordens relacionais mais abrangentes é característica universal da vida social, mas cabe sublinhá-lo neste contexto, dada a possibilidade de confusão da referência a “opções” e “escolhas” (...) com o efetivo exercício de uma autonomia absoluta. (DUARTE, 2005, p. 145)

### 3.5 Interlocuções entre a experiência religiosa e a prática homossexual

Ao questionarmos sobre as dificuldades e sofrimentos vivenciados pelos sujeitos na interface religião/homossexualidade, observamos intensos conflitos entre seu desejo homoerótico e a fé professada. Percebemos em algumas falas, que os sujeitos chegaram até mesmo a se engajarem num projeto de restauração sexual, tentando expurgar seus desejos.

“Passei um momento na vida que não me aceitava como homossexual e comecei a me autoflagelar. Fazia Jejuns exagerados e rezava muito. Eu queria Expurgar aqueles sentimentos, aqueles desejos que eu achava impuros. Pensava: por que isso comigo? Eu sou uma pessoa tão boa, por que isso? Eu não me aceitava principalmente porque não queria está à margem” (IVAN).

“Como falei, tive um relacionamento sólido que durou mais ou menos 1 ano, mas a minha mãe não sabia. Quando esse relacionamento acabou eu voltei forte para igreja, voltei com toda força, entende? Passei a repudiar com todas as minhas forças os meus desejos homossexuais. Li muito, li testemunhos de homens que falam sobre a castidade como alternativa aos homossexuais. Então eu achei que só me restava essa alternativa. Achava que vivendo minha castidade e pedindo a Deus por uma cura, eu estaria salvo. (...) Menina, mais o desejo vinha, eu orava muito! Tentava focar em outras coisas. Aff, que sofrimento! Aí nesta ocasião eu comecei a namorar uma colega da igreja. Achei que essa era a resposta de Deus às minhas orações. Então eu vivia na igreja. (...) Era Um relacionamento cristão. Namoramos por 8 meses. Nosso relacionamento era mais ir para igreja e pegar na mão, uns beijinhos, nada demais, porque num namoro cristão temos que segurar o desejo. Mas ela começou a reclamar disso e acabou que nós terminamos o namoro. E logo depois disso, eu fiquei com um menino. Era um menino que eu já tinha ficado antes. (...) Ai começou tudo de novo, passei a viver um turbilhão de sentimentos novamente! Fiquei frustrado porque como entendia que a minha namorada era a resposta de Deus às minhas orações, pensava: por que Deus permitiu que acabasse? (...) Eu acreditava que ali estava minha libertação. Entendia que o meu namoro era uma resposta de Deus, por isso o término do namoro foi muito difícil e confuso. Passei a ter relações com meninos novamente e me sentia muito culpado. Eu estava consciente de meu relacionamento com Deus e precisava que Ele me perdoasse, então eu passei a pesquisar muito sobre como a homossexualidade é entendida pela igreja e me deparei com uma passagem do Livro Levítico. Menina, eu chorei tanto! Chorei muito, muito mesmo! Ficava com a mão na Bíblia e chorava, chorava. Eu pensava: Deus eu não quero isso pra mim, me liberta! (...) Depois eu passei a questionar que se Deus pode tudo, porque ele não fez nada à respeito do meu desejo homossexual?” (Heraldo).

Heraldo constatou, após leituras e pesquisas, que a homossexualidade era uma prática condenada pela Igreja. Ele entendia esta, como um pecado condenável. Neste sentido, ele precisava do perdão de Deus e por isso, pedia para que Ele intercedesse sobre este “pecado”.

Desta forma, ele entendeu que a resposta de Deus para suas orações, era a namorada que ele havia conhecido na igreja. Mas como aquele relacionamento havia chegado ao fim, ele passou a questionar-se sobre a percepção divina à respeito da homossexualidade. “Depois eu passei a questionar que se Deus pode tudo, porque ele não fez nada à respeito do meu desejo homossexual?” (Heraldo). Neste sentido, percebemos que pontua que a “forma de conceber o sagrado e a sexualidade se dá de acordo com as ligações estabelecidas entre eles e os códigos religiosos que são reeditados” (SILVA; PAIVA; PARKER, 2010, p. 7).

Ivan considerava a homossexualidade como um castigo e se preocupava com os estigmas direcionados a ela. Ele necessitava se punir para poder se “limpar” dos desejos que o invadiam. Sobre a penitência, Rios et al (2008) a partir de Foucault, explica que a finalidade das técnicas cristãs de exame, confissão e obediência; é a de trabalhar a própria “mortificação” do sujeito neste mundo. Neste contexto, os sujeitos utilizam da penitência para renunciar a si mesmo, e ao mundo, para poder supostamente, alcançar a salvação no outro mundo.

Observamos também relatos, que remetiam à culpa e não aceitação da orientação sexual.

“Para te dizer a verdade, às vezes, me sinto culpado por ser homossexual. Sinto que decepcionei minha mãe. (...) Nenhuma mãe espera ouvir que seu filho é homossexual. Eu sempre fui o filho querido. De fato, não é fácil ser homossexual. São muitos obstáculos e preconceitos. É muito difícil! Mas no que diz respeito à igreja, como tinha dito, vou continuando a frequentar, pelo menos para agradar a minha mãe. Mas não preciso da igreja para conversar com Deus” (ANDERSON).

“Então, com um tempo, encontrei meu ex. Na época que comecei a namorar com ele, ainda me sentia muito culpado. Tinha medo que as pessoas descobrissem sobre minha orientação sexual. Quando tinha relações com meu namorado, passava pelo menos um dia sem orar, tinha vergonha, me sentia culpado (HERALDO).

No discurso de Heraldo, observamos também que apesar de sentir culpado, ele, naquela ocasião já começava a ressignificar os discursos da igreja sobre homossexualidade.

Eu ainda frequentava a igreja, mas me sentia mal porque tudo que era pregado sobre a homossexualidade era o contrário do que eu sentia e vivia. Aí fui reduzindo minha participação na igreja porque tinha medo de me colocar contrário àquelas pregações.

Vimos também, que alguns sujeitos afirmaram nunca terem tido problemas com o fato de serem homossexuais, pois acreditam que eles o são por permissão de Deus.

“Como falei para você, minha homossexualidade é fruto do “acaso”. Eu não me sinto culpado. Não tenho dificuldades quanto à ser homossexual e vivenciar minha

religião, porque se Deus permitiu que essas coisas acontecessem na minha vida, é porque era a vontade dele. Além do mais, como falei, meu relacionamento com Deus é muito bom. Rezo muito e ele sempre, mas sempre mesmo, me responde” (SIDNEY).

“Não me sinto culpado. Na verdade, sou tranquilo quanto à minha homossexualidade. Para mim a homossexualidade é uma coisa física, da carne. Deus sabe que não tenho culpa por ser homossexual. Meu relacionamento com Deus é tranquilo, eu até peço par Ele arrumar um namorado pra mim!” (CLÁUDIO).

Nesta perspectiva, percebemos que alguns sujeitos homossexuais assumem o que consideram „condição” (porque, dizem, que não escolheram o desejo ou a forma de ser) (Rios et al, 2010).

Glauco reflete que o sofrimento dos homossexuais cristãos, ocorre devido à postura da Igreja: “Percebo que a igreja católica tem um bloqueio com relação à questão da homossexualidade, mas sei que dentro da própria religião acontece. A igreja deveria rever alguma coisa e quebrar alguns paradigmas”.

Sobre o discurso de Glauco, percebemos que ele reivindica da Igreja que esta reedite seus códigos morais, pois eles não remetem à realidade vivenciada, inclusive, dentro dela mesma.

Outro aspecto importante que encontramos nas narrativas foi o discurso sobre aceitação:

“Eu quero dá orgulho para mãe, estudando e "sendo alguém". Este é meu foco hoje. Não sou diferente de um hétero, sou uma pessoa como qualquer outra. Faço disso uma bandeira! Ainda me sinto culpado, mas não vou abri mão de quem eu sou. Para mim, ser homossexual não é uma escolha, mas que é o que eu sou (Anderson, 18 anos)”

“Em minha aproximação com Deus, comecei a me entender e a me aceitar. Hoje entendo que Jesus me ama do jeito que eu sou e se Ele me ama, eu também vou me amar” (Ivan, 46 anos).

“(…) A prática homossexual é errada e Deus não me fez assim. Mas, fazer o que né? São as consequências da vida (Sidney, 43 anos)”.

“Eu compreendo minha homossexualidade sem culpa. Eu não quis ser assim, mas sou; então Deus sabe que não tenho culpa de ser assim (Claudio, 53 anos)”.

“Bem, se Deus não me "libertou" como eu pedia tanto, é porque não era uma libertação. Hoje percebo isso o vai me condenar. Quando eu orava eu pedia pelo meu parceiro. Sabe, ele morava longe da minha casa e quando ele saía de volta para casa, eu orava para que ele chegasse bem em casa. Então eu percebi que pedia a Deus que cuidasse de meu parceiro e assim me dei conta que todo meu relacionamento precisava ter Deus. (...) E ai ele passei a orar por nós, por nosso relacionamento e a não ter mais vergonha de Deus. Não considerava aquilo um pecado ou caso de condenação. (...) Ser gay não necessariamente é levantar uma bandeira. Minha privacidade é só minha. (...) Quando ainda estava muito confuso sobre meus sentimentos, pedi para me confessar com um padre amigo meu. Falei sobre minha homossexualidade e sobre meu relacionamento. Falei que não via mais a homossexualidade como pecado e que não via mais como uma condenação e ai o

padre concordou comigo e disse que toda forma de amor é válida e quem não ama ao próximo não ama a Deus e que não via isso como pecado. Que contanto que tenha uma fidelidade e um relacionamento bom, isso não era pecado. Disse também para que eu continuar orando, que se eu estou feliz assim, que eu peça a Deus pra me ajudar e se não, peça que ele me leve a outros horizontes. Depois ele conta a história de um padre que é homossexual, mas vive em castidade e aí ele conta que para o padre era muito difícil. (...) que cada um deve seguir conforme seu coração. Ele me alertou que tivesse cuidado com o universo homossexual, porque tem pessoas ruins. Em nenhum momento ele me condenou. (...) O interessante é que antes de ir falar com o padre eu pedi pra Deus falar o que tinha pra mim através do padre. (...) Eu acredito que dá pra ser cristão e ser homossexual. (...) Veja o papa Francisco, ele parece bem mais aberto pra questão da homossexualidade” (**Heraldo, 21 anos**).

A categoria aceitação está relacionada tanto a uma autoaceitação (passo crucial na construção a identidade sexual), como também pela aceitação que passa pelo crivo do outro, onde este compreende a família; a sociedade, ou à relação com Deus. Neste sentido, Natividade e Oliveira (2008) destacam:

A categoria aceitação pode servir de forma particularmente produtiva como ponto de apoio para se investigar os nexos entre formas de constituição da relacionacionalidade e da subjetividade. O sujeito que “é” ou “deseja ser” aceito também tem que aceitar a si mesmo: a construção da aceitação na esfera interpessoal se articula à processos de elaboração de percepção e apresentação de si. O sujeito que deseja ser aceito, deseja ser aceito como, por quem, onde? O que significa ser aceito, para sujeitos que vivenciam ou almejam viver a experiência da aceitação? (p. 154-155).

Percebemos que Heraldo, em um período anterior de sua vida, clamava à Deus por libertação e restauração de sua Homossexualidade. Assim, como vimos anteriormente, o impacto do poder religioso sobre sua subjetividade obstruía, a constituição de uma identidade positiva a partir da orientação homossexual. Porém, o discurso de Heraldo sobre a homossexualidade, foi se ressignificando, ao longo do tempo. Percebemos que este discurso religioso é interpretado pelo entrevistado, hoje, com um distanciamento crítico, o que evidencia o caráter processual da aceitação.

Percebemos também que alguns sujeitos apontaram para uma falsa aceitação por parte da igreja Católica, no que se refere à homossexualidade.

“(…) Você acredita que algumas pessoas da época da igreja evangélica, passam por mim e não me cumprimentam? Apesar de me sentir mais acolhido na católica, sei que eles não vão me aceitar do jeito que eu sou. Seria tão mais fácil se tivesse apoio, se não houvesse tantos preconceitos. Lembra que eu te contei que falei para minha irmã que eu era homossexual, na época que meu companheiro morreu? É bem isso, eu queria poder compartilhar meus momentos de tristeza e de alegria. Não precisa eu ficar falando sobre meus relacionamentos, isso é um saco né? Mas eu só queria um pouco de apoio” (**HÉLIO**).

“Então mesmo que a igreja liberasse o casamento homossexual, eu não me casaria na igreja porque na verdade eles não iriam querer realmente. Então, para mim, é melhor não fazer” (**RICARDO**).

Percebemos que os sujeitos compreendem que a Igreja, mesmo que em certos momentos, ofereça um discurso de aceitação e acolhimento aos homossexuais, isso na verdade é uma “farsa”. Esta concepção demonstra que os sujeitos da pesquisa possuem uma visão crítica sobre o que é propalado pela Igreja.

Neste sentido, verificamos que os sujeitos passaram também a questionar as interpretações que a Igreja Católica faz sobre a Bíblia.

“Pra mim, os estigmas têm muito mais a ver com as pessoas que frequentam a igreja do que propriamente com o que a igreja prega. Igreja e sociedade se confundem muitas vezes. (...) a igreja, o sentido maior da igreja, é que ela é perfeita, falho são os homens! A bíblia foi escrita em várias línguas que hoje são "mortas". Ela foi escrita para interpretação. (...)Veja os animais, eles também tem relação homossexuais, então esse negócio que o homem e a mulher foram feitos para se relacionar apenas assim, foi criado pelo homem e não por Deus. (...) Sabe, eu evito conflitos!” (Ricardo).

“Como disse, fui seminarista. Aí me matriculei numa disciplina que ensinava grego. Passei então a perceber que muito do que tinha na Bíblia era uma questão de interpretação. Estudei no original!” (Ivan).

“(...) Passei a ver coisas erradas no comportamento das pessoas que estavam dentro da igreja” (Heraldo).

Verificamos, a partir dos relatos acima, que os sujeitos vêm, processualmente, reeditando sua percepção sobre o caráter supostamente pecaminoso da homossexualidade. Desta forma, eles vão abrindo espaços para convivência entre sua orientação sexual e a adesão religiosa.

Nesta perspectiva, encontramos nas narrativas dos sujeitos referências à imprecisão do que a igreja compreende como pecado.

“(...) Se a homossexualidade é vista na Bíblia como um pecado, então, a masturbação também é. Então todos que praticam outras formas de ato sexual, como a masturbação, estão condenados?” (ANDERSON).

“(...) quantas coisas são proibidas e o ser humano faz; então não me sento culpado por ser homossexual (GLAUCO)”.

Os sujeitos criticam a forma arbitrária da Igreja Católica, no que concerne ao julgamento das práticas homossexuais, uma vez que, outras práticas que também são consideradas “pecaminosas” não recebem o mesmo tratamento recriminatório. Nesta perspectiva, Natividade e Oliveira (2009), destacam:

Embora a masturbação, as fantasias sexuais, o sexo antes do casamento, a infidelidade, sejam tidos como pecados, não proliferam grupos de ajuda voltados para „masturbadores“, nem tampouco organizações que ofereçam „ajuda“ para evitar fantasias (hetero) sexuais. Há uma cruzada moral (Becker, 2008) dirigida contra

gays, lésbicas e outros sujeitos sociais que ameaçam a crença na naturalidade e na universalidade da norma heterossexual. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 209)

Por fim, observamos que os sujeitos encontraram outra forma de pertencimento religioso, no qual a Igreja é um mero elemento, pois segundo eles, “o que importa é a sua relação com Deus”. Assim, eles prezam por uma aceitação por parte de Deus, que se configura como de mais importância do que a aceitação da sociedade.

“A melhor relação é entre mim e Deus Não preciso de um templo para poder adorar a Deus. São minhas atitudes, a forma como me relaciono com Deus, que importa. (...)” (**Ricardo, 32 anos**).

“(...) Veja, para mim, o que importa é minha relação com Deus. Faço minhas orações, escuto meus louvores. (...) Não é a religião que salva, são as atitudes. (...) Já que eles prezam muito pelo julgamento final, são minhas ações que importam e não minha orientação sexual. (...) Eu não faço nada só pra gradar a sociedade, eu me importo apenas em agradar a Deus” (**Hélio, 31 anos**).

“Independente de religião, eu entendo que o que importa é ter Deus em meu pensamento, em meu coração. O padre não vai me influenciar em nada, ele está lá para ajudar. (...) Independente da igreja eu tenho que fazer minha parte, é isso que conta” (**Sidney, 43 anos**).

“E percebi que elas também são pecadoras. As pessoas que deveriam ser exemplos eram às vezes muito pior de que alguns amigos meus que tinham um coração imenso, mas não frequentavam a igreja e ai eu passei a entender que o meu relacionamento com Deus era maior do que isso. (...) É o amor que te salva! (...) Tenho amigos evangélicos que dizem que tem amigos na igreja que não tem o coração que eu tenho. Que não têm a doçura que eu tenho. Hoje sei que Deus me ama do jeito que eu sou (**Heraldo, 21 anos**)”.

“Meu relacionamento com Deus é tranquilo. Deus está sempre presente na minha vida. (...) Sempre questioneei partes da bíblia que fala sobre a homossexualidade, inclusive acho que as interpretações e os contextos não são considerados. Mas, pra dizer a verdade, não me preocupo com o que está escrito na bíblia, o que importa pra mim é o meu relacionamento com Deus, inclusive já discuti muito por isso e por isso meu foco é minha relação com Deus” (**Glauco, 36 anos**).

Observamos nos relatos dos sujeitos, uma processual ressignificação de sua homossexualidade, abrindo espaços para redescrição. Desta forma, no processo de produção de justificações religiosas para a diferença associada à orientação sexual, eles passaram a desmentir e reinterpretar os discursos religiosos aos quais fora anteriormente expostos.

Neste sentido, os sujeitos relatam que o mais importante é a sua relação com Deus. Eles parecem estar certos de que estão cumprindo os desígnios Dele e que é mais importante ser aceito por Deus do que pela família e/ou pela sociedade.

Ao afirmarem que Deus os aceita como são, eles apresentam a certeza que precisam, para que possam superar conflitos interiores, auxiliando na integração da homossexualidade como parte de si.

### 3.6 Desregulação religiosa e produção de sentidos

Neste capítulo, percebemos que os sujeitos encontraram uma forma de compatibilizar suas vivências sexuais, consideradas dissidentes; com o exercício da religiosidade. Assim, acompanhando esse processo, verificamos que em seus relatos, principalmente os que remetiam aos sentimentos do passado, os sujeitos pareciam vivenciar, algo próximo do que na Psicologia Cognitiva costuma chamar de dissonância cognitiva<sup>5</sup>. No entanto, o que constatamos após a leitura dos relatos é que, não há nada de dissonância cognitiva nos seus relatos, o que há são negociações, estratégias para dar sentido ao que vivenciavam.

Neste sentido, os sujeitos encontraram uma forma particular de manejar seus conflitos, num processo contínuo de ressignificação e redescrição de si. Assim, percebemos que cada sujeito apresentou uma “forma singular de manejar afastamentos do canônico” (BRUNER, 1997, p. 50).

Nesta perspectiva, conforme (Bruner, 1997, p. 50): “para lidar com a resolução de conflitos e justificar a quebra de expectativas frente ao cânone cultural, as pessoas lançam mão de estratégias narrativas para construir um sentido de verossimilhança ao desvio, à exceção ao comum” (1997, p. 50).

Assim, percebemos que os sujeitos conseguiram compatibilizar seu pertencimento religioso com o exercício de sua sexualidade. Desta forma, ao longo dos relatos, verificamos que eles foram legitimando suas condutas. Neste sentido, percebemos que os sujeitos da pesquisa realizaram muito mais do que “Barganhas cognitivas” (Berger; Luckman, 1995; Mariz, 2006), eles desafiaram o canônico e encontraram uma forma de resolver seus conflitos, dando sentido ao que vivenciavam.

Constatamos também, neste capítulo, algo curioso nos relatos dos sujeitos; muitas das estratégias utilizadas por eles para dar sentido à homossexualidade frente aos estigmas de sua religião são difundidas pelas iniciativas religiosas denominadas inclusivas. Neste sentido, percebemos que os sujeitos possuem dispositivos próprios que possibilitam redescições do instituído. Esses dispositivos propiciaram desregulações religiosas que conduziram os sujeitos à autoaceitação. Neste processo, percebemos a desinstitucionalização da religião, a qual passa a ser vivenciada pelos sujeitos numa relação direta com Deus. Nesta perspectiva, Machado e Mariz (1998) destacam:

Essa hiperindividualização crescente que marca os fenômenos culturais e religiosos contemporâneos se expressa por uma forte tendência à hibridização das crenças e práticas religiosas, criando como consequência – na contramão do projeto cartesiano moderno – uma desinstitucionalização religiosa (Machado & Mariz, 1998, p. 21).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o percurso das experiências religiosas e sexuais lembradas pelos sujeitos da pesquisa nos possibilitou encontrar os intensos processos de constituição de si, elaborados por eles. Verificamos que os sujeitos, em suas elaborações discursivas, construíram e reconstruíram múltiplas narrativas, as quais, como falei anteriormente, não tinham nada de dissonantes, pois, se de alguma forma pareciam contraditórias, na verdade eram tentativa de dar sentido aos seus universos. Nessa perspectiva, os sujeitos procuram por estratégias; negociaram; mudaram; acrescentaram; se contradisseram; se reinventaram se redescobriram; enfim, encontraram formas de chegar à solução de seus conflitos.

Assim, lembrando um pouco a trajetória dos sujeitos da pesquisa, vimos, no primeiro capítulo analítico, que eles relataram que perceberam, ainda na infância, comportamentos que identificaram como diferentes daqueles que se esperava de um menino. Iniciava-se aí, o rompimento com o canônico. Neste sentido, na tentativa de compreender o que estavam sentindo, os sujeitos procuram encontrar respostas nos diversos dispositivos do saber sobre si: a família, a religião e a sociedade (cultura).

Conforme o desejo se pronunciava, os sujeitos, que já haviam compreendido a desvalorização social dos desejos homossexuais, bem como, reconheciam no discurso religioso o caráter pecaminoso associado às essas práticas; compreendem o ônus psicológico que tinham que pagar para “assumir-se” como homossexual.

Desta forma, os sujeitos vivenciaram intensos sentimentos de culpa. Tentaram expurgar a homossexualidade; pediram por libertação; tentaram o celibato; se confessaram, entraram num solitário “armário”; num constante devir entre “assumir-se” ou não “assumir-se” homossexual.

Assim, inicialmente, na ocasião da adolescência e juventude, os sujeitos se engajaram profundamente na Comunidade Católica. Nesta ocasião, eles vivenciaram questões profundas. Estas passavam desde a não aceitação de si até a não aceitação de que aquilo que sentiam, poderia ser considerado um pecado. Neste contexto, percebemos o papel da família e dos amigos. Vimos que, acionar estas redes de apoio foram de grande importância para que os sujeitos se sentissem acolhidos e aceitos.

---

<sup>5</sup> Conforme, Festinger (1975), a dissonância Cognitiva ocorre quando duas opiniões, ou crenças, ou itens de conhecimento não se encaixam um com o outro, isto é, são incompatíveis. Ou quando, considerando-se apenas os dois itens especificamente, um não decorrer do outro. Desta forma, compreende-se que quando um indivíduo tem uma crença sobre algo e age diferente do que acredita, ocorre uma situação de dissonância.

Nesta perspectiva, os sujeitos, ainda que não falassem “por sua própria boca” sobre sua homossexualidade, saíram parcialmente do “armário”, pois ao manter um relacionamento de conjugalidade com um parceiro; acreditavam que sua família tomaria conhecimento de sua orientação sexual.

Nesta perspectiva, os sujeitos, ainda que não falassem “por sua própria boca” sobre sua homossexualidade, saíram parcialmente do “armário”, pois ao manter um relacionamento de conjugalidade com um parceiro; acreditavam que sua família tomaria conhecimento de sua orientação sexual.

Sobre a categoria conjugalidade, esta surgiu naturalmente nos relatos dos sujeitos. Em nosso entendimento, a conjugalidade surgiu como uma estratégia utilizada pelo sujeito na tentativa de dar sentido à interface religião/exercício da homossexualidade. Parece-nos que por analogia à apreensão da heterossexualidade no pensamento de São Paulo (Rios, Parker e Terto Jr., 2010), a boa sexualidade deve ser vivida sob o manto sagrado do matrimônio. Na ausência dessa possibilidade, o que mais se aproximaria seria a conjugalidade monogâmica. No entanto, percebemos que mesmo numa relação conjugal, alguns sujeitos ainda se sentiam culpados em vivenciarem seus desejos “carnais”, vistos por eles como “impuros”.

Vimos também, que atualmente os sujeitos da pesquisa não estavam mais tão engajados à Comunidade Católica, só estavam frequentando às Missas aos Domingos. Interpretamos essa postura como um reflexo do estigma e das desregulações religiosas que eles em suas negociações com os conflitos, foram estabelecendo para dar sentido a vivência de sua sexualidade e vivência religiosa. Nesse processo, os sujeitos passaram a refletir sobre as interpretações fundamentalistas da Bíblia e sobre a arbitrariedade das concepções Cristãs à respeito do que seria pecado. Esses “furos” nos discursos religiosos, percebidos pelos sujeitos da pesquisa, propiciaram que estes criassem uma nova forma de “ser Católico”.

Neste sentido, eles compreenderam que sua relação com Deus é mais importante do que ser aceito pela sociedade. Assim, os dogmas e discursos propalados pela Igreja assumiram uma menor importância na constituição da subjetividade dos sujeitos. Desta forma, eles passaram a se aceitar, uma vez que compreenderam que se Deus os amava, eles também teriam que se amar.

Por fim, diante de narrativas tão intensas, reconhecemos que apesar de sermos indivíduos únicos, compreendendo que nos constituímos a partir da confluência entre indivíduo(s)-cultura(s); as narrativas coletadas nessa pesquisa podem ser tomadas como narrativas coletivas, ou seja, elas são muito mais do que histórias pessoais, elas podem

ajudar a contar a história dos grupos/comunidades nos quais os sujeitos se inserem (RIOS, 2004).

Desta forma, partindo da análise da reflexão trazida por Glauco (um dos nossos entrevistados) sobre a postura da igreja: “a igreja deveria rever alguma coisa e quebrar alguns paradigmas!”; compreendemos que as negociações realizadas pelos sujeitos de nossa pesquisa, entre a vivência do desejo homoerótico e a religiosidade; permitem que espaços de redescritção possam surgir no discurso da Igreja Católica (compreendemos aqui, que os discursos sobre a homossexualidade na Igreja Católica não são homogêneos).

Assim, compartilhamos da indagação de Rios (2010):

Quem sabe, desse modo, crescentes ondas de desregulação religiosa invadam a Igreja, possibilitando que esta se reveja, quando não mais fizer sentido para o seu corpo de fiéis e clérigos a atual interpretação sobre as homossexualidades.

## 6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elizabeth Maciel. **Avaliação da técnica de amostragem "respondent-driven sampling" na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Ministério da Saúde – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/Albuquerqueemm.pdf>>. Acesso em 02 Fev. 2015.

AUGRAS, Monique. **Psicologia e Cultura: Alteridade e Dominação**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1995.

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 5, n.2, p.347-381, Dez. 2000.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUSIN, Valéria Malki. Homossexualidade, Religião e gênero: **a influência do Catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas**. Dissertação (Mestrado em ciência da Religião). PUC-SP. 2008.

\_\_\_\_\_. Malki. Religião, sexualidades e gênero. In.: **Rever**. nº1. 2011, pp. 105-124.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: F. Teixeira e R. Menezes. (Org.). **As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Entre sincretismos e “guerras Santas”: **dinâmica e linhas de força do campo religioso**. REVISTA USP, São Paulo, n.81, p. 173-185, março/maio 2009.

CARVALHO, Elton Roney da Silva. (homo)sexualidade em diálogo: **imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano**. Dissertação ( Mestrado em Ciências das Religiões). UFPB/CE. 2014.

CNBB , Catecismo da Igreja Católica. **Edição Típica Vaticana**. São Paulo. Ed. Loyola, 2000.

CORREIA, Mônica F. B. A constituição social da mente: (re) descobrindo Jerome Bruner e construção de significados. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 3, p. 505-513, Dez. 2003.

DAWSEY, John Cowart. 2005. Victor Turner e Antropologia da Experiência. **Cadernos de Campo** cap.13, p. 110-121

DUARTE, Luís Fernando Dias. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M.L. et al. (Orgs.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005. p.137-76. (Coleção Sexualidade, gênero e sociedade).

\_\_\_\_\_. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: \_\_\_\_\_. et al. (Org.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006. p.51-88.

FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância Cognitiva**. Rio: Zahar Editores, 1975.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder. In \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FURTADO, Maria Cristina S., CALDEIRA, Angela Cristine Germiné Pinto. Cristianismo e Diversidade Sexual: Conflitos e Mudanças. In: **Revista Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010.

GEERTZ, Clifford **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara.1987.

GIDDENS, A., The constitution of society: **on outline of the theory of structuration**. Cambridge/Berkeley: University of California Press. 1984.

GOFFMAN, Erving. Estigma: **notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.

HELMINIACK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo. Summus, 1998.

JURKEWICZ, Regina S. Cristianismo e homossexualidade. In: GROSSI, M.P. et al (orgs). **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro. Garamond. 2005, pp.45-52.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 4ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1986.

LONGARAY, Deise Azevedo, RIBEIRO, Paula Regina Costa. A minha religião não aceita homossexuais”: analisando narrativas de adolescentes sobre religião e homossexualidade. In: **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na Educação**. Silva, Fabiane Ferreira; Mello, Elena Maria Billig (orgs.). Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

KERN, Francisco Arseli.; SILVA, André Luiz. **A homossexualidade de frente para o espelho**. Psico. [online]. out./dez. 2009,v. 40, n. 4, pp. 508-515. Disponível em:<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4939/4938> Acesso em: 22 dez. 2014

LAIRD, Joan. Segredos das Mulheres; os silêncios das mulheres. In: IMBER-BLACK, Evan. **Os Segredos na Família e na Terapia Familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Conversão religiosa e opção pela heterossexualidade em tempos de Aids**. Cadernos *Pagu*, n.º. 11: 276-301. 1998.

MACHADO, Maria das Dores C.,PICCOLO, Fernanda D.; ZUCCO, Luciana Patrícia ; NETO, José Pedro. **Revista Rever** • Ano 11 • No 01 • Jan/Jun , 2011

MARRE, J.,. História de vida e método biográfico. In: **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.3, no.3, p.89-141, jan./jul., 1991

MARIZ, Cecília. Catolicismo no Brasil contemporâneo: **reavivamento e diversidade**. In: F. Teixeira e R. Menezes (orgs.). **As religiões no Brasil continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, pp. 53-68.

MARIZ, Cecília; MACHADO, Maria das Dores. **Mudanças recentes no campo religioso Brasileiro**. Antropolítica, 5: 21-39. 1998

MARTINS, A.D. Catolicismo contemporâneo: tratando da diversidade. In: GOMES, E.C. (Org.). **Dinâmicas contemporâneas de fenômeno religioso na sociedade brasileira**. Aparecida: Ideias e Letras, 2009. p.125-46.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: **pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. Em: HEILBORN, Maria L. et al (Orgs.) **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 247-272. 2005

\_\_\_\_\_. **Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ. 2008

NATIVIDADE, Marcelo . Homofobia religiosa e direitos LGBT: **Notas de pesquisa**. Latitude, v. 7, n. 1, p. 33- 51, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro. Deus "Transforma" ou Deus "Aceita"? Dilemas de construção de identidade entre evangélicos LGBT. **O Social em Questão** , v. 20, p. 170-197, 2009

\_\_\_\_\_. “O direito de ser homofóbico: repúdio à diversidade sexual e atuação política entre evangélicos conservadores”, **32º Encontro Anual da ANPOCS**. Trabalho apresentado no GT Sexualidade, Corpo e Gênero. Caxambu, mimeo, 2008.

NERI, Marcelo Cortês, **Novo mapa das religiões**, Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. 70 p.

NEVES, Lucília de Almeida. **Historia oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson Souza de. **Pluralismos e novas identidades no cristianismo Brasileiro**. Recife, O autor, 2009. (Tese de Doutorado em Sociologia)- UFPE, 2009.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PFEIFFER, Luci.; SALVAGNI, Edila. Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, 81(Supl. 5), 197-204. 2005.

RIOS, Luís Felipe. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. **Cadernos Saúde Pública**, v.19. n 2, p. 223-232, 2003.

\_\_\_\_\_. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do centro do Rio de Janeiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 13, p. 465-475, 2008

\_\_\_\_\_. O Feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candoblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Homofobia e processos de subjetivação na comunidade homossexual do Recife. Projeto apresentado ao CNPq, Edital 20/2010, processo 402235/2010-0. Brasília, 2010.

RIOS, Luís Felipe; PAIVA, Vera; MAKSUD, Ivia; OLIVEIRA, Cinthia; CRUZ, Claudia Maria da Silva; DA SILVA; Cristiane Gonçalves; TERTO JR; Veriano; PARKER, Richard. “Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens”. **Psicologia em estudo**, 13(4): 673-682. 2008

RIOS, Luís Felipe; AQUINO, Francisca Luciana; COELHO, Davis Handerson; OLIVEIRA, Cinthia; ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard. **Masculorum Concubitores: Views on homosexuality among Catholics in Recife, Brazil**. *Vibrant*, v. 7 n.1. 2010.

RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard; TERTO JUNIOR, Veriano. Sobre as inclinações carnis: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 1, 2010

SANCHIS, P. Religiões, religião: alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.9-58.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário In: cadernos pagu. Campinas: **Núcleo de Estudos de Gênero** Pagu-UNICAMP, n28, 2007, p.19-54.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; PAIVA, Vera; PARKER, Richard. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.17, n.44,p.103-17, jan./mar. 2013.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins and MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cad. Pagu** [online]., n.35, pp. 37-78. ISSN 0104-8333. 2010

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso, In **Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, N. 3, pp.115-29. 2001

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis, Vozes, 2013, 360pp.

VENTURI, Gustavo. Intolerância à diversidade sexual. **Teoria e Debate**, ano 21, n. 78, julho/agosto 2008.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Organização e introdução de H.H. Gerth e C. W. Mills. 3. Ed. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1974.

**ANEXO**

## **Anexo 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMÁTICA**

### **CAMPOS**

- Inserção na comunidade católica;**
- Conhecimento sobre dogmas cristãos;**
- Atuação na comunidade católica;**
- Pertencimento religioso e Homossexualidade;**
- Possíveis dificuldades enfrentadas.**

## Anexo 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA BIOGRÁFICA

### Dados de Identificação

<b>Nome:</b>	
<b>Idade:</b>	
<b>Sexo:</b>	
<b>Identidade de Gênero (pesquisador):</b>	
<b>Identidade de Gênero (pessoa):</b>	
<b>Raça (pesquisador):</b>	
<b>Raça (pessoa):</b>	
<b>Estado Civil:</b>	
<b>Escolaridade:</b>	
<b>Renda:</b>	
<b>Profissão:</b>	
<b>Ocupação:</b>	
<b>Religião:</b>	
<b>Endereço:</b>	
<b>Fone:</b>	
<b>E-mail/msn/Skype</b>	

### **PRIMEIRA PARTE: CONTEXTO FAMILIAR**

- Contexto familiar (com quem mora, família biológica e/ou afins, perfis de cada um dos integrantes da família e tipo de relação que estabelecem). Clima familiar. Como lidam com questões de sexualidade. Religião dos integrantes.

### **SEGUNDA PARTE: CARREIRA SEXUAL**

- Como foi essa coisa da homossexualidade:
  - 1. na infância**
  - 2. na adolescência**
  - 3. na juventude**
  - 4. na adultez**
  - 5. na maturidade**
  - 6. hoje**
- Para cada fase, pedir cenas (acontecimentos importantes, que guarda na lembrança) em: família; grupo de amigos; viagens; trabalho; religião; comunidade homossexual; internet.

### **TERCEIRA PARTE: VIDA SEXUAL**

Agora eu gostaria que você me contasse como é sua vida sexual considerando o último ano, os últimos doze meses. Tua história de transas e amores neste último ano...

Eu queria que você fosse o mais detalhista possível. Pense que é como se eu fosse um roteirista de novela, e preciso dos detalhes para compor cenas...

### Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E  
CIÊNCIAS HUMANAS**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado em Psicologia**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa Homens Católicos com Práticas homossexuais: Desregulação religiosa e produção de sentidos, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Alexandra Ribeiro Leite, residente na Rua Professor Otávio Sarmiento Cardoso, número 153, Várzea- Recife, Pernambuco. CEP: 50810-070. Telefone: 9186-3288. Ligações a cobrar: (9090) 91863288. E-mail: alexa.rleite@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação do Professor Luís Felipe Rios do Nascimento. Telefone: 87477442, e-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensível, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem qualquer penalidade.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as estratégias adotadas por homens católicos com práticas homossexuais, de diferentes posições de gênero e em diferentes fases da vida (juventude, adultez e velhice) para lidar com os preconceitos legitimadas pelo dispositivo religioso. Neste sentido, os objetivos específicos seriam: identificar na doutrina, as bases que orientam o preconceito às homossexualidades no catolicismo; investigar os nexos que eles estabelecem entre a experiência religiosa e os processos de preconceitos às homossexualidades; diferenciar o lugar das marcações de idade, gênero, raça-cor e classe nas vivências das homossexualidades de forma ampla e na vivência de preconceitos por orientação sexual dentro da igreja católica e analisar os sentidos atribuídos por eles sobre as experiências de desejar e/ou ter práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. A coleta de dados será realizada através de entrevistas. Desta forma, serão utilizadas as seguintes modalidades de entrevistas: a entrevista temática (Meta 1), a entrevista com enfoque biográfico (Meta 2).

**Riscos diretos:** Em relação aos riscos, consideramos que algumas perguntas feitas durante a entrevista serão íntimas e pessoais, sendo garantido aos participantes a liberdade de não respondê-las, interromper a sua participação na entrevista, bem como retirar seu

consentimento, em qualquer fase da pesquisa. Ainda assim, caso a entrevista venha a causar algum transtorno, o entrevistado poderá ser encaminhado para a Clínica Psicológica da UFPE. Ressalto também que a apresentação dos resultados cuidará para preservar a identidade dos depoentes.

**Benefícios:** Como benefício direto, a pesquisa possibilitará que os sujeitos, através de suas narrativas, possam re-significar e re-organizar de forma significativa suas experiências. Assim, permitirá ao sujeito refletir sobre como ele se posiciona diante dos modelos estabelecidos na sociedade. Desta forma, possibilitará o desenvolvimento da autoconfiança, autodeterminação e capacidade de discernimento frente a estes modelos.

**Benefício direto:** A indicação para atendimento na Clínica Psicológica da UFPE pode ser considerado um benefício direto ao participante.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Sua contribuição se dará através de concessão de uma ou mais entrevistas, fonogravadas, de cerca de 2 hs cada uma, em local que você ache mais conveniente. O material que resultar das entrevistas (gravações em áudio e transcrições) ficará arquivado pelo período mínimo de 5 anos, no Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana da Universidade Federal de Pernambuco. Av. Acadêmico Helio Ramos, CFCH, 7º. Andar, salas 17 e 18. Telefone: 21268731; sob a guarda do professor Luís Felipe Rios do Nascimento, orientador da presente pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

---

(assinatura do pesquisador)

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA  
COMO VOLUNTÁRIO (A)**

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Homens Católicos com Práticas Homossexuais: Desregulação religiosa e Produção de Sentidos, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve qualquer penalidade.

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Impressão digital  (opcional)
----------------------------------------

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecido sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. ( 02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

NOME:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: